VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU



Leão XIV na

Argentina

Todos os discursos, homilias
e palavras do Santo Padre

agostinianoscomopapa.com

EDIÇÃO DIGITAL · PORTUGUÊS
8–11 NOV 2026

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

Leão XIV na Argentina

Todos os discursos, homilias e palavras do Santo Padre

8–11 NOV 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Os textos de Leão XIV reproduzem a versão oficial em português publicada pela Santa Sé em vatican.va.

A introdução, os títulos dos capítulos e as chaves agostinianas são da autoria da Redação de AgustinosConElPapa.com.

As palavras improvisadas à chegada a Córdoba (capítulo 7) e aos voluntários em Luján (capítulo 11) são uma tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com.

Copyright © Dicastério para a Comunicação

vatican.va · agustinosconelpapa.com/pt

Índice

- **Introdução** — 4
  Quatro dias, três cidades
- **A viagem num relance** — 7
  8–11 nov 2026

01 **Uma pátria que se recebe** — 9
Dom 8 · Discurso

02 **A cidade da caridade** — 19
Seg 9 · Discurso

03 **Um rio que dá vida** — 26
Seg 9 · Homilia

04 **Não há trabalho pequeno** — 32
Seg 9 · Discurso

05 **Dignidade, liberdade, esperança** — 42
Seg 9 · Discurso

06 **Sede todos bem-vindos** — 49
Seg 9 · Homilia

07 **Terra de santos** — 56
Ter 10 · Homilia

08 **Uma vida disponível** — 64
Ter 10 · Discurso

09 **Todos para Cristo, todos com Cristo, todos como Cristo** — 73
Ter 10 · Respostas e discurso

10 **Uma nova vida é possível** — 83
Qua 11 · Discurso

11 **Argentina, levanta-te e caminha** — 89
Qua 11 · Homilia

INTRODUÇÃO

Quatro dias, três cidades

«Sede todos bem-vindos.» Com este lema, que o Papa completa com um «Ide e anunciai!», Leão XIV chegou a Buenos Aires no domingo, 8 de novembro, às 16h33, hora local, para iniciar a segunda etapa da sua viagem apostólica ao Uruguai, Argentina e Peru. Foram quatro dias entre Buenos Aires, Córdoba e Luján, com encontros muito diversos: autoridades, pessoas com deficiência, trabalhadores, líderes religiosos, bispos, jovens, presos e voluntários.

Este livro reúne tudo o que o Santo Padre disse na Argentina: onze textos, desde o discurso às autoridades no Palacio Libertad até ao agradecimento final em Luján. Estão aqui os discursos e as homilias, as respostas aos jovens na vigília e também as palavras improvisadas: as que não estavam no papel.

A Argentina é, além disso, casa de família para os agostinianos. Nessa mesma noite de domingo, às 19h30, o Papa recebeu na Nunciatura Apostólica representantes dos Agostinianos, dos Agostinianos Recoletos e das Agostinianas Missionárias. Assim o recorda frei Diego Corbalán, OSA:

> **«Desde o momento em que entrou na sala e nos cumprimentou, continuava a ter o mesmo olhar caloroso. Já diferente, porque é o Papa Leão, mas a mesma proximidade, o mesmo calor de pessoa, de irmão.»**
>
> FREI DIEGO CORBALÁN, OSA

Levaram presentes com história: um quadro da artista Mercedes Fariña inspirado no Peru, outro de antigos alunos que recorda o regresso dos agostinianos à Argentina em 1901 e um mate personalizado. «O mate é sempre sinal de comunidade, de fraternidade, de diálogo sincero e de escuta», explica frei Diego.

Esse espírito de família viveu-se também na paróquia de São Agostinho, onde mais de cem jovens e cerca de quatrocentos adultos da família agostiniana se reuniram para preparar o acolhimento e, na segunda-feira, partilharam com o Papa a missa no Monumento de los Españoles.

E Santo Agostinho aparece, à sua maneira, nas palavras do Papa. Em Luján, ao enviar o povo argentino em missão, cita-o:

> **Como nos disse Santo Agostinho: «Ama e faz o que quiseres: se calares, cala por amor; se gritares, grita por amor; se corrigires, corrige por amor; se perdoares, perdoa por amor. Que exista dentro de ti a raiz da caridade; dessa raiz só pode brotar o bem»** (S. Agostinho, Homilia sobre a Primeira Carta de São João aos Partos, 7, 8).

No encontro com as religiões recordou que a palavra «religião» vem de *religare* — unir as pessoas umas às outras — e, na vigília, assegurou aos jovens:

> **Ninguém caiu tão baixo que Cristo não o possa levantar.**

Que estas páginas o acompanhem a qualquer hora e em qualquer lugar, e nos ajudem a viver o que propõe o lema da viagem: todos bem-vindos e todos enviados, unidos num só coração e numa só alma, voltados para Deus.

A REDAÇÃO DE AGUSTINOSCONELPAPA.COM

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

A viagem num relance

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO

01 **Uma pátria que se recebe**
Palacio Libertad · Buenos Aires

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

02 **A cidade da caridade**
Pequeno Cottolengo Dom Orione · Claypole

03 **Um rio que dá vida**
Monumento de los Españoles · Buenos Aires

04 **Não há trabalho pequeno**
Universidade Católica Argentina · Buenos Aires

05 **Dignidade, liberdade, esperança**
Palacio San Martín · Buenos Aires

06 **Sede todos bem-vindos**
Catedral Metropolitana · Buenos Aires

TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO

07 **Terra de santos**
Escola de Aviação Militar · Córdoba

08 **Uma vida disponível**
Catedral de Nossa Senhora da Assunção · Córdoba

09 **Todos para Cristo, todos com Cristo, todos como Cristo**
Monumento de los Españoles · Buenos Aires

QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO

10 **Uma nova vida é possível**
Complexo Penitenciário Federal · Buenos Aires

11 **Argentina, levanta-te e caminha**
Basílica de Nossa Senhora de Luján · Luján

01

PALACIO LIBERTAD · BUENOS AIRES

DISCURSO

Uma pátria que se recebe

Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO

> **Nenhuma geração começa do zero a sua pátria. Recebe-a.**

Senhor Presidente da República,
Distintas Autoridades e membros do Corpo Diplomático,
Senhoras e Senhores,

É com profunda alegria que me encontro hoje nesta querida terra argentina. Agradeço, Senhor Presidente, as cordiais palavras que houve por bem dirigir-me e o acolhimento com o qual, através de si, o seu povo me brinda. Saúdo igualmente os membros do Corpo Diplomático e as demais Autoridades presentes e, com afeto, dirijo a minha saudação a todos os argentinos.

Vim como Sucessor do apóstolo Pedro e, portanto, como pastor. Desejo encontrar-me com a Igreja peregrina nesta terra e, igualmente, dirigir-me a toda a nação e a quem recebeu a função de a servir. A Igreja, a partir da missão que lhe foi confiada, acompanha a vida dos povos. Por isso, também perante aqueles que exercem responsabilidades públicas, ela deseja oferecer uma palavra inspirada no Evangelho e destinada à salvaguarda da dignidade de cada pessoa, da concórdia e do bem comum.

Para mim, chegar a esta terra tem um significado especial. Durante doze anos, a Igreja universal escutou a voz de um Pontífice argentino que, na sua memória e coração, levava os lugares, as pessoas e a fé aqui recebida. Ao suceder-lhe no ministério petrino, percorro hoje, de certa forma, o caminho inverso e venho à pátria onde o Papa Francisco iniciou uma história que mais tarde se entrelaçaria com a de toda a Igreja. Ao mesmo tempo, aproximar-me da terra onde ele cresceu significa aproximar-me duma história muito mais vasta, feita de gerações de homens e mulheres que, antes e depois dele, receberam em herança esta pátria e nela deixaram algo de si próprios.

Alguns nasceram aqui; outros vieram de longe e encontraram um lar; outros pertencem a povos indígenas cuja presença antecede o nascimento da nação. Com o passar do tempo, a partir desse encontro entre origens e experiências diversas, foi-se formando um povo que soube abrir as suas portas, dar lugar a quem chegava e conservar, mesmo em tempos difíceis, uma notável capacidade de se reerguer e seguir em frente. Todos contribuíram para a Argentina que hoje tenho a alegria de visitar. Nenhuma geração começa do zero a sua pátria. Recebe-a.

Recebe-a na língua e nos laços que a precedem; nas instituições que outros fundaram e nos bens que aumentaram graças ao trabalho de muitos. A história tem motivos de gratidão e também memórias dolorosas. Cabe a cada geração discernir o que merece ser conservado, enfrentar as consequências injustas do passado e enriquecer o comum património material e espiritual. A pátria que tendes hoje nas vossas mãos, amanhã será herança de outros.

A cultura apresenta algumas das manifestações mais características dessa herança. Muito além das suas fronteiras, a Argentina soube expressar-se, com voz inconfundível: no *Martín Fierro*, de José Hernández; nas páginas de Jorge Luis Borges e de tantos escritores que enriqueceram a língua espanhola com sotaques rio-platenses; no tango, nascido do encontro de bairros, portos e origens diversas. Da mesma forma, fê-lo na música e nas tradições do interior, no teatro e também em gestos quotidianos tão simples como a partilha do mate, que transforma qualquer intervalo numa ocasião de conversa e proximidade. São expressões distintas duma mesma memória coletiva, herdada de gerações anteriores e confiada também à criatividade de quem vem a seguir.

Nesta herança está profundamente enraizada a fé cristã. A sua marca atravessa a memória da nação e permanece viva em inúmeros argentinos que encontraram no Evangelho uma fonte de sentido, esperança e fraternidade.

Partilhar a mesma herança exige também aprender a conviver, mesmo quando existem diferentes formas de pensar. A história ensina o quanto um povo pode crescer quando as suas diferenças se tornam uma oportunidade de diálogo e encontro. Por isso, a democracia faz igualmente parte desta herança que deve ser salvaguardada. Eleger os próprios governantes através do sufrágio, participar na vida pública, expressar livremente as próprias convicções, confiar na lei e reconhecer nas instituições um espaço comum são bens que se consolidam com o tempo e que cada geração é chamada a cuidar e a fortalecer (cf. São João Paulo II, *Centesimus annus*, 46).

A democracia fortalece-se também na forma como diariamente nos comportamos na vida pública: na disposição para escutar, no cuidado com as palavras, na busca paciente de consensos e na capacidade de

reconhecer como compatriota aquele que pensa de forma diferente, mas com quem partilhamos o mesmo destino. Desta forma, forja-se a confiança que permite a uma sociedade enfrentar as suas diferenças sem perder a consciência do que a mantém unida.

Quem recebeu responsabilidades públicas assume uma missão especialmente exigente. A autoridade atinge o seu sentido mais elevado quando é exercida como serviço, quando sabe olhar para além do imediato e quando aplica as suas capacidades zelando pelo que pertence a todos. Quem exerce a autoridade tem também o dever de agir com prudência, de reconhecer os limites do poder que lhe foi confiado e de orientar as suas decisões para o bem de toda a comunidade (cf. São João XXIII, *Pacem in terris*, 53-60).



A autoridade atinge o seu sentido mais elevado quando é exercida como serviço, quando sabe olhar para além do imediato e quando aplica as suas capacidades zelando pelo que pertence a todos.

O bem comum, que a autoridade serve, deve poder ser percebido nas condições concretas da vida quotidiana. A família, célula fundamental da sociedade, tem aqui um lugar essencial. Nela, cada pessoa aprende a descobrir que a sua vida está ligada à dos outros e que é responsável por eles. No lar, ensinam-nos a cuidar dos mais fracos, a perdoar, a compartilhar e a permanecer ao lado de quem precisa de ajuda; e é também ali que muitos homens e mulheres recebem as primeiras sementes da fé.

Por isso, uma das condições mais elementares é poder viver do próprio trabalho. Esta terra tem bem presente o valor do esforço daqueles que ganham a vida no campo e nas cidades, nas oficinas, nas escolas e nos hospitais; o valor dos empreendedores e daqueles que, todos os dias,

mantêm os seus lares. O trabalho permite a uma pessoa sustentar os seus, desenvolver capacidades e sentir-se participante na construção da pátria (cf. *Dilexi te*, 115). Por isso, cabe-nos promover tudo o que crie oportunidades, estimule a iniciativa privada e permita que o crescimento chegue também a quem enfrenta maiores dificuldades. Em particular, penso nas famílias que carregam o peso da incerteza, nos que procuram trabalho, nos idosos que contribuíram durante anos para a construção da sociedade e nos que, mesmo trabalhando, sentem dificuldade em suprir as necessidades do seu lar. A economia deve estar ao serviço da pessoa, não a pessoa ao serviço da economia.

“A economia deve estar ao serviço da pessoa, não a pessoa ao serviço da economia.

A Argentina dispõe de muitos recursos humanos. Valorizar esta riqueza em benefício de todos exige dedicar especial atenção aos jovens. A possibilidade de virem a desenvolver aqui os seus projetos de vida dependerá, em grande medida, das oportunidades que hoje encontrarem. Quando os jovens são obrigados a abandonar a sua terra para concretizar os seus sonhos, uma nação deve questionar-se seriamente sobre onde falhou.

“Quando os jovens são obrigados a abandonar a sua terra para concretizar os seus sonhos, uma nação deve questionar-se seriamente sobre onde falhou.

Criar as condições para que possam projetar livremente a sua vida na Argentina exige, em particular, revigorar a educação, a formação profissional, o ensino universitário e a investigação. Ao longo da sua história, esta nação tem procurado alargar a instrução a setores cada vez mais amplos da sociedade. Graças a esse esforço, gerações de argentinos puderam cultivar as suas capacidades e contribuir para o desenvolvimento do país nas mais diversas profissões e ofícios. Preservar e fortalecer esta vocação educativa exige oferecer aos jovens uma formação que lhes permita descobrir os seus talentos, desenvolvê-los e colocá-los ao serviço dos outros (cf. São Paulo VI, *Populorum progressio*, 14-15). Esta tarefa também requer confiança nos jovens, reconhecimento da sua capacidade de iniciativa e criação de espaços onde possam apresentar as suas ideias, assumindo responsabilidades. Desde já, a nação precisa de contar com a sua inteligência, criatividade e participação.

Esta perspectiva suscita outra pergunta: que lugar ocupam nas nossas decisões aqueles que ainda não nasceram? Antes de nos perguntarmos que mundo lhes deixaremos, devemos reconhecer a sua dignidade. A nossa responsabilidade pelas gerações futuras começa por acolher a vida desde os seus primeiros instantes e por a proteger até ao seu fim natural (cf. São João Paulo II, *Evangelium vitae*, 101). A mesma dignidade exige especial atenção em casos de doença, dependência e deficiência. Nestas circunstâncias, cabe-nos também cuidar, aliviar o sofrimento, acompanhar e fazer com que cada pessoa sinta que a sua vida conserva sempre um valor que nenhuma circunstância pode diminuir.

“Antes de nos perguntarmos que mundo lhes deixaremos, devemos reconhecer a sua dignidade.

Tal responsabilidade para com o género humano diz respeito igualmente ao cuidado da terra. A Argentina foi abençoada por Deus com uma extraordinária riqueza natural. Os seus campos, as suas reservas de água,

as suas fontes de energia, os seus minerais e a diversidade dos seus ecossistemas oferecem amplas possibilidades de desenvolvimento. Uma ecologia autenticamente humana sabe unir o cuidado da criação ao das pessoas, procurando que o aproveitamento dos recursos contribua para o bem-estar das comunidades, preservando as condições que tornam possível a vida e o trabalho nos seus territórios (cf. Bento XVI, *Caritas in veritate*, 51).

Por sua vez, os rápidos avanços tecnológicos abrem possibilidades que há poucos anos poderiam unicamente ser imaginadas, mas também levantam interrogações de grande alcance, especialmente no que diz respeito à inteligência artificial. A medicina, a educação, a produção e a investigação dispõem hoje de instrumentos capazes de transformar profundamente a vida humana. Estes avanços exigem que se considerem as consequências da sua aplicação e as responsabilidades daqueles que decidem como os utilizar. O desenvolvimento tecnológico necessita duma consciência ética à altura (cf. Francisco, *Laudate Deum*, 21-24).

Muitas destas responsabilidades ultrapassam o âmbito de um só Estado. Os grandes rios unem territórios; os ecossistemas vão de um país a outro; a energia, os alimentos, o conhecimento e a mobilidade humana criam laços que ultrapassam fronteiras. Por isso, pensar no futuro da Argentina leva-nos também a olhar para os povos com os quais ela compartilha este Continente. A América do Sul possui uma enorme riqueza humana e natural, e os seus povos mantêm laços históricos e tradições culturais que proporcionam um amplo campo de cooperação. A Argentina pode contribuir para esse esforço com a sua experiência e as suas capacidades. Fortalecer os espaços de encontro e de colaboração é uma forma de assumir juntos responsabilidades que nenhum país pode enfrentar isoladamente.

Esta cooperação revela-se igualmente necessária diante de sérias ameaças. O crime organizado, as redes de tráfico humano, o negócio de armas e drogas, bem como a corrupção, prejudicam a convivência, fomentam a violência e desviam recursos essenciais ao bem comum. Perante estas realidades, são indispensáveis a ação coordenada entre os Estados e a solidez das instituições. Esta solidez depende também da

integridade pessoal de quem recebeu a responsabilidade de governar, pois a corrupção mina a confiança dos cidadãos nas suas instituições (cf. São João Paulo II, *Ecclesia in America*, 23 e 60).

Tal esforço comum encontra uma das suas expressões mais elevadas no serviço à paz. Os interesses legítimos de cada nação devem ser defendidos por meio do diálogo, do respeito pelo direito e da busca perseverante de acordos. Em momentos difíceis da sua história, a América do Sul soube encontrar caminhos de negociação e entendimento para superar fortes tensões. A Argentina é chamada a preservar essa vontade de diálogo e a contribuir para que continue a dar frutos.

A Igreja também deseja contribuir para esta responsabilidade comum. A sua presença na Argentina faz parte duma história que se estende a toda a América. Durante séculos, a Igreja tem acompanhado os povos do continente, anunciando o Evangelho e celebrando a fé, educando, cuidando dos doentes, permanecendo ao lado dos pobres, acompanhando as famílias e promovendo a paz e a reconciliação.

Esta missão nasce do amor de Cristo, que derramou o seu sangue por todos, e continua hoje nas paróquias e comunidades, chamadas a ter as suas portas abertas para que qualquer pessoa possa encontrar nelas acolhimento e proximidade. *Sede todos bem-vindos* (cf. *Mt* 22, 9-10) expressa, em poucas palavras, o convite universal do Evangelho, que chega a qualquer pessoa e a chama ao encontro com Cristo e à conversão. Deste acolhimento nasce também o envio: *Ide e anunciai* (cf. *Mc* 16, 15). Tal mandato continua a dar frutos nas escolas e universidades, nas iniciativas sociais e no testemunho quotidiano de tantos homens e mulheres que colocam a sua fé ao serviço dos outros.

Existem bens, dos quais uma sociedade precisa, que nenhuma política pública consegue produzir por si mesma. A confiança, o perdão, a disponibilidade para servir e a consciência de que a própria vida tem um sentido que vai além do sucesso ou da utilidade cultivam-se na consciência pessoal e na vida das famílias e comunidades. A fé alimenta e sustenta estes bens. Por isso, a Igreja deseja permanecer próxima da nação argentina, viver a caridade compartilhando os seus fardos e alegrias, e oferecer-lhe a esperança que nasce do Evangelho.

Ao olhar para o caminho percorrido por esta nação, relembro a imagem que acompanha estas palavras: cada geração recebe uma pátria que outros lhe colocaram nas mãos. Durante algum tempo, cabe-lhe habitá-la, servi-la e fazê-la crescer. Depois, deverá entregá-la (cf. Francisco, *Laudato si'*, 159). Sim, como cantava Gardel, *a vida é um sopro*, mas perdura o bem que cada geração soube guardar e transmitir. E a fé convida-nos a olhar ainda mais além, para a felicidade eterna a que Deus nos chama.



Sim, como cantava Gardel, a vida é um sopro, mas perdura o bem que cada geração soube guardar e transmitir.

Queridos argentinos: uma grande parte dessa responsabilidade recai hoje sobre vós. O extraordinário património que possuís permite-vos olhar para o futuro com confiança. Cabe-vos agora fazer frutificar tudo o que recebestes e manter vivo aquele propósito de «constituir a unidade nacional», proclamado no *Preâmbulo* da vossa Constituição. Que aqueles que vierem depois recebam uma pátria unida, à altura da vossa história e das potencialidades que ela encerra.

O meu pensamento volta-se, por fim, para Nossa Senhora de Luján, silenciosa guardiã da vossa memória. De geração em geração, acorrem diante da sua imagem mães e pais, trabalhadores, jovens e idosos de todos os cantos do país, levando consigo as preocupações e as esperanças do seu tempo. A essas orações, quero hoje unir também a minha. E desejo fazê-lo com as palavras que o Papa Francisco proferiu pensando em vós: «que o Senhor vos faça crescer como povo» (*Mensagem ao povo argentino*, 30 de setembro de 2016). É o que peço de todo o coração ao Senhor, por intercessão de Maria Santíssima de Luján. Que ela continue a velar por esta terra, a cuidar de cada um dos seus filhos e a mantê-los sempre perto de Jesus.

Deus abençoe a Argentina e os seus habitantes. Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

O que é um povo

> **Um povo é a reunião de uma multidão de seres racionais, associada pela comum concórdia nas coisas que ama.**
>
> Santo Agostinho, A Cidade de Deus, XIX, 24

Agostinho não define um povo pelo seu território nem pela sua força, mas por aquilo que ama em comum. É a pergunta de fundo do discurso do Papa: o que recebe uma nação, o que guarda e o que entrega aos que vêm depois?

02

PEQUENO COTTOLENGO DOM ORIONE · CLAYPOLE

DISCURSO

A cidade da caridade

Visita aos trabalhadores e assistidos do Pequeno Cottolengo Dom Orione

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

> **Gostaria de afirmar hoje que as vossas vidas não são um fardo para a sociedade; são uma bênção, porque vós podeis ajudar-nos a não esquecer qual é o fundamento da dignidade de cada ser humano e o que é realmente importante na vida.**

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Estou muito contente por poder compartilhar este encontro com todos vós. Agradeço as palavras amáveis de Dom Jorge Lugones, Bispo de Lomas de Zamora, e do Ir. Jorge Silanes, diretor deste centro. Obrigado também à Marta e à Norma pelos seus testemunhos. Muito obrigado! Agradeço a todos pela música e por me receberem com tanto entusiasmo e alegria.

Existem lugares – como este lar –, onde a caridade não só se manifesta nas obras, mas também se reconhece em cada gesto, em cada rosto, em cada sorriso e, poderíamos até dizer, no ar que se respira. Assim é o *Pequeno Cotolengo*: uma comunidade fraterna de portas abertas, onde tudo nos fala do amor de Deus.

O seu fundador, São Luís Orione, quis que este local fosse conhecido como a "cidade da caridade". Para a poder construir, confiando profundamente na Divina Providência, rezou e trabalhou durante muitos anos, movido pelo amor às pessoas mais frágeis da sociedade, que muitas vezes eram ignoradas e abandonadas à própria sorte. Ao recordar este desejo do coração inquieto de pai e pastor do Padre Orione, vieram-me à mente três "cidades" onde Jesus também respirou o ar fresco e gratuito da caridade. Estas três cidades são Belém, Nazaré e Betânia.

Em Belém, que significa "Casa do Pão", Jesus foi acolhido, abrigado e alimentado com amor por Maria e José, bem como foi reconhecido com carinho e admiração tanto por sábios como por pessoas humildes e simples. Podemos dizer que, em Belém, se respira o amor pela vida, e esse amor faz com que a fria pobreza da cercania se transforme no aconchego do lar. É o lugar que respeita a dignidade de cada pessoa humana, valorizando-a e acolhendo-a como dom de Deus.

Anos mais tarde, outra cidade, Nazaré, foi o ambiente onde Jesus aprendeu a fazer parte duma família e a integrar-se numa comunidade, onde foi crescendo «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (*Lc* 2, 52), e onde cultivou o valor do trabalho e da responsabilidade. É o lugar que não descarta as pessoas, mas as integra na vida social, valorizando e fazendo frutificar os seus talentos e capacidades, como a Marta nos mostra com a sua vida e através do livro que escreveu.

Por fim, na cidade de Betânia, ao partilhar o dom da amizade com Marta, Maria e Lázaro, Jesus experimentou o valor das relações humanas autênticas e sinceras, onde ninguém é marginalizado nem abandonado, mas sim acompanhado, ouvido e aconselhado, onde são partilhadas a fé e o serviço, os sofrimentos e as alegrias. Em suma, Betânia é o lugar que ajuda a sair do individualismo, onde cada um se sente amado e deseja amar os outros de forma concreta. Lugares assim – como nos contou a Norma no seu testemunho – fazem com que as pessoas se sintam acolhidas, cuidadas e queridas tal como são.

“

Em suma, Betânia é o lugar que ajuda a sair do individualismo, onde cada um se sente amado e deseja amar os outros de forma concreta.

Como vemos, Jesus viveu em lugares onde respirou o ar da caridade: ali experimentou o amor de uma *família*, a *integração* numa comunidade e a *amizade fraterna*, partilhando a vida com aqueles que lhe eram queridos. Gostaria que esta breve reflexão nos levasse a pensar e a agradecer por tantas “cidades da caridade”, tal como este Pequeno Cotolengo, onde o Evangelho continua vivo e atuante, aqui e agora, neste lindo país.

A este respeito, desejo citar algumas palavras do meu Predecessor São João Paulo II. Dirigindo-se a um grupo de pessoas com deficiência, afirmou que o amor de Deus «é o motivo da vossa esperança e da vossa coragem de viver. Deus mostrou-nos em Jesus Cristo, de maneira insuperável, como ama Ele cada pessoa em particular e assim lhe confere uma dignidade infinita. Precisamente os que sofrem de alguma invalidez corporal ou mental, podem considerar-se amigos particulares de Jesus» (*Angelus*, Osnabrück, 16 de novembro de 1980).

Queridos irmãos e irmãs, hoje reuniram-se neste encontro numerosos residentes e funcionários, religiosos e religiosas, familiares e voluntários que contribuem para esta grande obra: nos vossos olhares luminosos, consigo ver tanta proximidade; nas vossas mãos abertas, consigo reconhecer inúmeros gestos de serviço desinteressado; nos vossos corações generosos, posso perceber muita ternura e compreensão. Obrigado a todos pelos vossos testemunhos de entrega e amor ao próximo.

O nobre trabalho que aqui realizais todos os dias, com tanto carinho, esforço e dedicação, constitui um alicerce sólido para a construção de uma nova cidade: a cidade da caridade, da convivência e da paz. Certamente, «trata-se de uma construção mais lenta, menos visível e espetacular» do que a de outros tipos de cidades, mas «é a este horizonte de empenho, a este estaleiro de esperança, que damos o nome de "civilização do amor"» (*Magnifica humanitas*, 185).

Os valores de dignidade, integração e amizade fraterna que caracterizam locais como este têm muito a dizer às nossas sociedades, frequentemente movidas apenas pela busca do sucesso económico ou pelo culto da aparência física. Gostaria de afirmar hoje que as vossas vidas não são um fardo para a sociedade; são uma bênção, porque vós podeis ajudar-nos a não esquecer qual é o fundamento da dignidade de cada ser humano e o que é realmente importante na vida. O progresso de uma nação também se mede pelo acolhimento que sabe dispensar a todas as pessoas portadoras de deficiência e com necessidades especiais.

“O progresso de uma nação também se mede pelo acolhimento que sabe dispensar a todas as pessoas portadoras de deficiência e com necessidades especiais.

Neste momento tão particular, gostaria de partilhar com todos vós o meu desejo para este país: que a Argentina seja capaz de realizar grandes obras de caridade – como vemos aqui –, onde o amor de Cristo triunfe sobre o individualismo e a exclusão. Imagino milhares de jovens a juntarem-se, como voluntários, à grande história de caridade que a fé sincera e simples do povo argentino escreveu ao longo dos séculos. Que seja forjada na Argentina uma nova geração de santos da caridade! E por que não podeis sê-lo todos vós? A caridade de Cristo impele-nos! (cf. *2 Cor* 5, 14).

> **Que seja forjada na Argentina uma nova geração de santos da caridade! E por que não podeis sê-lo todos vós?**

Queridos amigos, continuemos a responder com fé e esperança ao chamamento universal à santidade (cf. *Lumen gentium*, 11). Era este também o desejo do nosso querido Papa Francisco e, por isso, escreveu: «Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra» (*Gaudete et exsultate*, 14). Dentro das suas possibilidades, cada um coloque os dons recebidos ao serviço dos pequeninos e dos necessitados, para que a cidade da caridade se consolide, se expanda e consiga derrubar as fronteiras do egoísmo.

Por último, gostaria de salientar que aqui, na capela desta comunidade, se encontra a relíquia do coração do Padre Orione, testemunho do profundo laço que uniu este santo sacerdote italiano à terra argentina. O seu coração incorrupto continua a recordar-nos que "a caridade salvará o mundo", porque «Deus é amor» (*1 Jo* 4, 8) e «o amor jamais passará» (*1 Cor* 13, 8). O segredo desta vida entregue por amor foi revelado pelo meu predecessor São João Paulo II na *Homilia de canonização* deste incansável apóstolo, quando disse: «O coração deste estrategista da caridade foi "ilimitado, porque se dilatou com a caridade de Cristo" (*Escritos*, 102, 32). A paixão por

Cristo foi a alma da sua vida audaciosa, o impulso interior de um altruísmo sem reservas, a fonte sempre fresca de uma esperança indestrutível» (*Homilia*, 16 de maio de 2004, 2).

Peçamos ao Senhor que, assim como moldou o coração dos santos, molde os nossos corações à semelhança do seu: ardentes na caridade, bondosos na paciência e perseverantes na humildade (cf. *Mt* 11, 29).

Que Deus vos abençoe a todos e derrame bênçãos abundantes também sobre as vossas famílias, benfeitores e demais pessoas queridas. Levo-vos no meu coração. Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

Dois amores, duas cidades

> **Dois amores fundaram duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus, a cidade terrena; o amor de Deus até ao desprezo de si, a cidade celeste.**

Santo Agostinho, A Cidade de Deus, XIV, 28

O Papa fala de construir «uma nova cidade»: a cidade da caridade, frente ao individualismo e à exclusão. Agostinho deu nome a essa tensão: o que levanta uma cidade é aquilo que ela ama.

03

MONUMENTO DE LOS ESPAÑOLES · BUENOS AIRES

HOMILIA

Um rio que dá vida

Santa Missa no Monumento de los Españoles

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

> **Onde havia morte, agora há vida; onde havia doença, agora há saúde; onde havia aridez, agora há fecundidade.**

Queridos irmãos e irmãs,

Com o coração cheio de alegria, celebro convosco esta Santa Eucaristia. O salmista convida-nos: «Vinde e contemplai as obras do Senhor» (*Sl* 46, 9). A minha visita a esta terra argentina permite-me ver nos vossos rostos o entusiasmo da fé, que é o grande dom do Espírito em nós. A obra mais bonita que o Senhor nos confiou é a sua Igreja, visível sempre que o povo de Deus se reúne em torno da mesma mesa para lhe dar graças.

A festa da dedicação da Basílica Lateranense, que hoje celebramos, conduz-nos ao coração do nosso ser Igreja. A Basílica de São João de Latrão é a sede do Bispo de Roma, o Papa, e, como tal, é um sinal de unidade e comunhão para todas as Igrejas do mundo. Precisamente por esta razão, é chamada de "Mãe de todas as Igrejas".

A maternidade da Igreja de Roma manifesta-se no serviço da comunhão, para que todos os batizados se reconheçam como irmãos e irmãs numa única casa. Na Igreja, todos somos acolhidos como «membros da casa de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus. É n'Ele que toda a construção, bem ajustada, cresce para formar um templo santo, no Senhor» (*Ef* 2, 19-21).

A imagem do templo estabelece, justamente, uma ligação entre as leituras que acabámos de ouvir.

A este respeito, o Evangelho descreve-nos uma ação forte do Senhor: com um chicote de cordas, Jesus expulsa os vendedores do templo (cf. *Jo* 2, 15). Ele pretende, assim, devolver à casa do Pai a sua autenticidade. A humanidade é tentada, desde sempre, a negociar com Deus. É a lógica pagã do "dar para receber", ou seja, a ilusão de poder obter o favor de Deus oferecendo-lhe algo em troca. Cristo exclui esta mentalidade: Deus é Pai sempre disposto a dar-nos o que é bom. O templo, que é a morada da sua presença, volta assim a ser casa de oração para todos os seus filhos.



Cristo exclui esta mentalidade: Deus é Pai sempre disposto a dar-nos o que é bom.

Segundo a visão profética de Ezequiel, da parte subterrânea do templo sai um rio, que corre para Oriente (cf. *Ez* 47, 1). É uma imagem rica em significado: as suas águas tornam salubre tudo o que encontram, dão vida à criação e fazem desenvolver todo o tipo de árvores, cujos frutos não acabam. As águas fluem para a região de Arabá. Com tal pormenor, o texto bíblico refere-se a esse território desértico, que desce em direção à grande depressão do Mar Morto, onde, como o próprio nome sugere, nada cresce. No entanto, as suas águas são salubres: os peixes são muito numerosos e todos os seres vivos renascem. Onde havia morte, agora há vida; onde havia doença, agora há saúde; onde havia aridez, agora há fecundidade.

O Salmo fala-nos de uma terra que treme e de montes que vacilam no fundo do mar. Estas imagens refletem a situação de fragilidade e caos que frequentemente encontramos na experiência humana. Muitas vezes, também as nossas famílias vivem situações complexas: a falta de estabilidade, as dificuldades sociais, o trabalho precário, a violência doméstica, as separações dolorosas, as dependências que destroem o futuro dos jovens e deterioram as relações familiares. No meio de todos estes sofrimentos e crises, a Palavra de Deus resplandece para nós com esperança: Ele está conosco, não temos nada a temer. «Deus é o nosso refúgio e a nossa força, ajuda permanente nos momentos de angústia» (*Sl* 46, 2). Sobre a rocha que é Cristo, as nossas famílias e toda a sociedade encontram o alicerce que sustenta a casa, protegendo-a das intempéries que se abatem sobre ela (cf. *Mt* 7, 24-27).

Ao celebrarmos hoje a dedicação da Basílica Lateranense, recordamos o sinal da presença salvífica de Deus Pai na sua Igreja. Templo do Espírito e Corpo Místico de Cristo, a Igreja oferece a água viva, Jesus, que purifica e cura as nossas feridas (cf. *Jo* 4, 14). Junto do Senhor, na sua casa, também as nossas famílias encontram vigor e saúde, e não deixam de dar fruto.

Queridos irmãos, com a sua ressurreição, Cristo já nos abriu espaço no seu coração: recebei esta graça nas vossas famílias! Com Ele e n'Ele, cada família pode tornar-se uma semente de autêntica renovação para este país. A história, a cultura e a sociedade da Argentina encontraram na família a fonte donde brotam os valores fundamentais do povo. Na vossa terra, local de encontro de diferentes culturas e etnias, a família foi o lugar da transmissão da fé, das virtudes humanas, da cultura do trabalho, do

respeito pelos mais velhos, da defesa da vida e da fidelidade à palavra dada. Não vos conformeis com as vozes que vão dizendo que a família cristã está ultrapassada; pelo contrário, hoje mais do que nunca, ela representa um baluarte entre as muitas precariedades do nosso tempo.

Abri as portas das vossas casas a Cristo: falai com naturalidade de Jesus aos vossos filhos, permanecei unidos a Ele. Na intimidade do lar, a fé é transmitida com a vida, através dos gestos mais simples: o abençoar a mesa, uma oração antes de dormir, o perdão e a escuta mútua, os avós que ensinam a rezar, o ir à Missa aos domingos, o preparar-se para um retiro ou uma peregrinação. A família é, com efeito, o lugar privilegiado para conhecer e encontrar Cristo. O nosso amado Papa Francisco, que foi bispo desta cidade, expressou-o com paixão: «A família é chamada a compartilhar a oração diária, a leitura da Palavra de Deus e a comunhão eucarística, para fazer crescer o amor e tornar-se cada vez mais um templo onde habita o Espírito» (*Amoris laetitia*, 29).

Abri as portas das vossas casas a Cristo: falai com naturalidade de Jesus aos vossos filhos, permanecei unidos a Ele.

Queridas famílias, exorto-vos a ser protagonistas na evangelização! A Igreja argentina precisa de vós. Apoiai a missão dos bispos, dos párocos, dos agentes pastorais e dos catequistas. Quando as famílias, animadas pela fé, rezam unidas e vivem o seu ministério de anúncio da Boa Nova, a vitalidade desta Igreja recupera entusiasmo. As vossas famílias experimentam assim uma fecundidade renovada, vivendo a própria missão educativa «como um verdadeiro ministério, através do qual é transmitido e irradiado o Evangelho, ao ponto de a mesma vida da família se tornar itinerário de fé e, em certo modo, iniciação cristã e escola para seguir a Cristo» (S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, 39).

Queridas famílias, exorto-vos a ser protagonistas na evangelização! A Igreja argentina precisa de vós.

Confiamos à Virgem Maria, Nossa Senhora de Luján, e ao seu esposo, São José, todas as nossas famílias. Foi precisamente na Sagrada Família de Nazaré que o Filho de Deus encontrou um lar neste mundo; que Ele nos abençoe, para que também as nossas casas sejam templos da sua presença.

A CHAVE AGOSTINIANA

Uma só alma e um só coração

> **O primeiro motivo pelo qual vos reunistes em comunidade é viverdes unânimes em casa e terdes uma só alma e um só coração em direção a Deus.**
>
> Santo Agostinho, Regra, I, 3

A «casa» que a homilia desenha — templo, família, Igreja — tem na Regra de Santo Agostinho a sua imagem mais querida: uma comunidade em que a unidade não é uniformidade, mas um só coração voltado para Deus.

04

UNIVERSIDADE CATÓLICA ARGENTINA · BUENOS AIRES

DISCURSO

Não há trabalho pequeno

Encontro com o mundo do trabalho

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

> **Não há trabalho pequeno aos olhos de Deus: a grandeza de uma obra não reside no que se realiza, mas no amor que se coloca em cada gesto, em cada palavra, em cada pensamento.**

Queridos amigos,

Boa tarde e obrigado pelo vosso caloroso acolhimento! Nutria um profundo desejo de encontrar todos vós, representantes do mundo laboral na Argentina: trabalhadores e empresários; membros dos sindicatos e dos movimentos populares; docentes e demais membros da comunidade académica da Pontifícia Universidade Católica Argentina. Saúdo com carinho o senhor Arcebispo de Buenos Aires, seu Magno Chanceler, e o Presidente da Comissão Episcopal de Pastoral Social, agradecendo-vos as palavras que me dirigistes, em nome de todos os presentes. Em particular, agradeço àqueles que partilharam conosco os seus testemunhos e expressões artísticas, manifestando a grandeza de Deus nas suas vidas.

Da mesma forma que a música nos ajuda a elevar a alma a Deus e transcender o quotidiano da nossa vida, o trabalho convida-nos a colaborar na maravilhosa e harmónica obra do Senhor. A este respeito, São João Paulo II recordava-nos que «o homem, criado à imagem de Deus, participa mediante o seu trabalho na obra do Criador e, num certo sentido, continua, na medida das suas possibilidades, a desenvolvê-la e a completá-la, progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado» (Carta enc. *Laborem exercens*, 25). O trabalho, portanto, não é um instrumento de conflito, mas contribui para construir a realidade social através da colaboração de todos e respeitando a ordem da Criação.

Esta convicção continua a ser atual, por muito que mudem as circunstâncias que nos rodeiam e até a própria estrutura do trabalho (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 150). Hoje em dia, o trabalho, no seu fundamento antropológico e na dimensão global que o caracteriza, depara-se não só com os fundamentos da economia, mas também com o desafio da crise ecológica e da utilização irresponsável dos recursos do planeta. Quando o domínio de poucos é lei, o trabalho transforma-se em exploração de tudo o que faz parte do mundo laboral. Os trabalhadores são valorizados apenas pela sua eficiência. Esta realidade adquire uma urgência sem precedentes à luz da perspectiva da *ecologia integral* formulada pelo Papa Francisco, segundo a qual o trabalho contribui para a gestão responsável da criação, na qual o desenvolvimento técnico deve harmonizar-se com o respeito pelos ritmos da natureza e pelos limites dos diferentes ecossistemas (cf.

Carta enc. *Laudato si'*, 11). Esta orientação é válida também neste momento de profundas mudanças na estrutura do trabalho, no qual parece prevalecer a lógica de uns poucos, esquecendo-se de que «não é verdadeiro progresso o que aumenta o bem-estar de alguns degradando os ecossistemas, descarregando os custos nas comunidades mais vulneráveis ou prejudicando as condições de vida de quem virá depois de nós» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 84).

Cada trabalho e cada componente do mundo laboral deve ter sempre esta característica distintiva: ser realizado por uma pessoa que coloca em jogo todo o seu potencial, e visar o pleno desenvolvimento desta. Encontramo-nos aqui perante o primeiro e mais fundamental dos princípios da Doutrina Social da Igreja: o *princípio da dignidade da pessoa humana*. O ser humano é o autor, o centro e o fim de toda a vida económico-social e, por isso, a economia deve estar ao serviço da pessoa, e não a pessoa ao serviço da economia. Esta afirmação pode parecer teórica, mas constitui, pelo contrário, um ponto central do pensamento social da Igreja, já desde o meu antecessor Leão XIII, que, com o objetivo de promover a concórdia entre as partes e eliminar os conflitos no âmbito laboral, levantou a necessidade de criar um equilíbrio adequado entre os princípios da economia, a visão dos empresários e as necessidades do trabalhador e da sua família (cf. Carta enc. *Rerum novarum*, 10). Daí que o desemprego seja um verdadeiro drama na vida de quem o sofre. Privar uma pessoa do trabalho não é simplesmente negar-lhe um rendimento económico; é ferir gravemente a sua dignidade, anular a sua capacidade de contribuir para a sociedade e mergulhá-la na exclusão social, fragmentando a coesão do corpo social e destruindo a ação comunitária orientada para o bem comum.

Privar uma pessoa do trabalho não é simplesmente negar-lhe um rendimento económico; é ferir gravemente a sua dignidade, anular a sua capacidade de contribuir para a sociedade e mergulhá-la na exclusão social, fragmentando a coesão do corpo social e destruindo a ação comunitária orientada para o bem comum.

Como nos recordava o Papa Francisco: «Numa sociedade realmente desenvolvida, o trabalho é uma dimensão essencial da vida social, porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se corresponsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo» (Carta enc. *Fratelli tutti*, 162). Aqui vemos como o *princípio da dignidade* se liga diretamente ao *princípio do bem comum*, definido como o conjunto de condições da vida em sociedade que tornam possível, tanto às associações como a cada um dos seus membros, a própria realização de modo mais pleno e fácil. O *bem comum* exige superar o individualismo estéril e o utilitarismo corporativista, promovendo uma cultura do encontro onde o crescimento económico se traduza em verdadeiro desenvolvimento humano integral.

Além disso, na perspectiva cristã, contemplamos o trabalho como um meio de santificação, uma vez que, ao realizá-lo, cumprimos a vontade do Altíssimo. Tal como lemos nas primeiras páginas da Bíblia, «o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar» (*Gn* 2, 15). Este mandato bíblico fundamenta o *princípio do destino universal dos bens*. Embora a Igreja reconheça e defenda o direito à propriedade privada, este está sempre onerado por uma hipoteca social: a terra e os seus frutos foram dados por Deus para o sustento de toda a humanidade (cf. Carta enc. *Laudato si'*, 93). "Cultivar" e "guardar" implica não ser

donos absolutos, mas sim guardiões de uma herança que deve ser partilhada com justiça e equidade, erradicando as assimetrias estruturais que marginalizam os mais fracos e tendo em conta a responsabilidade para com as gerações futuras. Trata-se de uma situação que afeta as pessoas, as comunidades e as nações, e que influencia até mesmo as relações entre Estados, minando a confiança mútua e o sentimento de pertença comum à família humana de cada povo, bem como o dever dos Estados de colaborar na resolução dos problemas através de decisões comuns. Por isso, podemos afirmar que, desde as origens da nossa existência na Terra, o trabalho faz parte da forma como nós, seres humanos, colaboramos com a ação de Deus para aperfeiçoar o mundo.

Dignidade da pessoa, bem comum, destinação universal dos bens: estes princípios falam-nos de uma dimensão relacional intrínseca e convergem no *princípio da solidariedade*, que não é um sentimento superficial de compaixão, mas sim a responsabilidade de cada um e de cada instituição para o bem de todos. Numa estrutura económica globalizada que tende para a "cultura do descarte", a solidariedade torna-se uma força construtora de uma arquitetura social capaz de redefinir as necessidades do mercado e as relações laborais de acordo com critérios de justiça e seguindo a lógica da reciprocidade. Deste modo, nas mãos de quem sabe utilizá-los, os talentos tornam-se uma forma privilegiada de contribuir para um bem comum efetivo, que se adapta aos avanços tecnológicos, sem deixar ninguém para trás. Para o cristão, isto significa também admitir que é Deus quem atua em nós, se soubermos humildemente reconhecê-lo.

É inegável a criatividade com que este povo se tem dedicado ao trabalho e tem sabido contribuir para o bem comum e para o desenvolvimento de inovações úteis para a sociedade. Para citar apenas alguns exemplos, podemos pensar em áreas como a astronomia, o mundo agrícola e a ciência médica, onde os contributos de alguns argentinos alcançaram avanços significativos. Pensemos também no trabalho discreto e abnegado que representam as tarefas domésticas, nas horas oferecidas gratuitamente para servir mate quente às crianças nos bairros, ou nas longas jornadas dedicadas a lavrar, cultivar e colher um campo. Aqui manifesta-se de forma cristalina o *princípio da subsidiariedade*, que estabelece que nem o Estado nem as grandes corporações devem absorver, mas sim apoiar e potenciar as iniciativas e capacidades das

comunidades locais e dos grupos intermédios. Na tradição do pensamento social da Igreja, o Estado não tem de fazer tudo, mas cabe-lhe a tarefa de favorecer a ação dos organismos intermédios: famílias, autoridades locais, grupos e movimentos sociais, mantendo o poder regulador para o bem comum e assumindo as tarefas que os agrupamentos de nível inferior não podem realizar. Hoje em dia, este princípio, que foi integrado pela primeira vez na doutrina social pelo Papa Pio XI (cf. Carta enc. *Quadragesimo anno*, cap. II, n. 5), tornou-se o quadro em que se desenvolve a ação dos governos e que regula também as formas de integração económica entre os Estados. Ao mesmo tempo, os movimentos populares, a economia popular e os trabalhadores informais – recolhedores de resíduos, lavradores, artesãos – são expressões vivas desta subsidiariedade ativa que o Papa Francisco defendeu nos seus discursos aos Movimentos Populares. Eles não esperam passivamente pela assistência do Estado, mas organizam-se para construir soluções comunitárias. Com a sua reivindicação de inclusão social, defendem os três "Tês" – terra, teto e trabalho – que o Papa Francisco frequentemente apontou como exigências da justiça social.

“Eles não esperam passivamente pela assistência do Estado, mas organizam-se para construir soluções comunitárias.

Por isso, queridos amigos, é estimulante ouvir os vossos testemunhos e descobrir como Deus tem vindo a crescer dentro de vós. Através do caminho da humildade, percebemos que não nos bastamos a nós próprios, que precisamos dos outros e que só abrindo-nos à colaboração com quem nos rodeia poderemos construir, todos juntos, um mundo melhor. Tal como Deus nos criou de forma única, Ele conta também, individualmente, com cada um de nós. Mas, ao mesmo tempo, convida-nos à comunhão, entrando em relação com Ele e com os outros. Este é o caminho para construir a Argentina unida que desejamos para o futuro, uma autêntica

“amizade social” nos termos da [Carta encíclica] *Fratelli tutti*, que supere a polarização dialética e configure uma arquitetura da paz fundada na justiça e no diálogo, a nível nacional e multilateral.

No mundo empresarial, a vida do venerável Enrique Shaw interpela-nos com força; um empresário católico, que se converteu ao descobrir a beleza do Evangelho, expressado na Doutrina Social da Igreja. O futuro beato, com uma concepção cristã do homem, «compreendeu que a indústria não era apenas uma engrenagem produtiva nem um meio de acumulação de capital, mas uma verdadeira comunidade de pessoas chamadas a crescer juntas» (*Mensagem aos participantes da 31ª Conferência Industrial da Argentina*, 8 de setembro de 2025). O seu pensamento, que tem sido amplamente estudado nesta Universidade, para cuja fundação ele próprio contribuiu, fica claramente expresso nas suas próprias palavras: «É necessário formar empresários cristãos e proporcionar-lhes um estilo de vida: contribuir para um mundo melhor, principalmente através da ação de cada empresário cristão na sua própria esfera [...]. Esta é uma missão de fé e de vida: procurar santificar-nos através da profissão e santificar a profissão» (E. Shaw, *Notas y apuntes personales*, p. 58).

Os empresários, criadores de postos de trabalho com o seu capital, põem em risco tantas vezes o próprio património. Porque é impossível criar riqueza num país sem se envolver pessoalmente, sem assumir a incerteza do futuro, cujos parâmetros escapam completamente ao nosso domínio. Ao mesmo tempo, é preciso permanecer atento para evitar o risco da avareza que, como disse o Papa Francisco, «é uma doença do coração» (*Catequese na Audiência Geral*, 24 de janeiro de 2024). A vocação empresarial, orientada pelo princípio da função social da propriedade e do capital, constitui uma nobre tarefa. Quando se absolutiza o lucro económico, como único critério de sucesso, a empresa desumaniza-se e transforma-se numa estrutura de pecado que gera exclusão. Os empresários são chamados a subverter esta lógica tecnocrática através de um investimento ético que dê prioridade à sustentabilidade ambiental e à dignificação do trabalho, partindo do princípio de que o sucesso financeiro deve ser medido à luz do bem comum (cf. Carta enc. *Laudato si’*, 109).

> **Quando se absolutiza o lucro económico, como único critério de sucesso, a empresa desumaniza-se e transforma-se numa estrutura de pecado que gera exclusão.**

Os sindicatos e as associações de trabalhadores têm aqui um importante campo de crescimento e desenvolvimento, envolvendo-se de forma mais direta na garantia do respeito pelas condições dignas dos trabalhadores. «As iniciativas que surgiram nesse contexto [...] contribuíram de forma decisiva para melhorar a legislação laboral, proteger os mais vulneráveis e promover condições mais humanas» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 155). A sua missão é específica: ser um instrumento de solidariedade e coesão; canais de colaboração entre o trabalhador e a empresa. Nesta perspectiva, o sindicato é uma instituição indispensável quando defende aqueles que não têm voz e quando se opõe à mercantilização da força de trabalho. No entanto, para manter esta autoridade moral, o sindicalismo deve olhar permanentemente para as periferias existenciais, integrando e estabelecendo pontes com os trabalhadores em situação precária, por conta própria e excluídos do sistema formal, tendo em conta as profundas transformações pelas quais o mundo do trabalho está a passar.

Os desafios da inteligência artificial e da automação desregulada podem pôr em risco muitos postos de trabalho e tornar-se uma verdadeira ameaça ao desenvolvimento humano integral adequado. A técnica deve estar sempre subordinada à ética; o algoritmo não pode substituir o discernimento humano nem o valor intrínseco da presença física e do esforço do trabalhador (cf. Carta enc. *Laudato si'*, 107). Os poderes públicos devem zelar para que isso não aconteça. Pelo contrário, «o acesso ao trabalho para todos deve continuar a ser um objetivo prioritário das políticas públicas e dos processos económicos, um critério de avaliação da qualidade humana de um modelo de desenvolvimento» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 154). É insubstituível o compromisso das autoridades públicas na promoção de políticas estáveis, que favoreçam o pleno emprego e

a inclusão social num quadro ético em que a economia, o mercado e o Estado atuem de forma subsidiária na redistribuição justa das oportunidades.

> **A técnica deve estar sempre subordinada à ética; o algoritmo não pode substituir o discernimento humano nem o valor intrínseco da presença física e do esforço do trabalhador** (cf. Carta enc. Laudato si', 107).

Deus chama-nos a todos a estar atentos às necessidades daqueles que nos rodeiam, servindo os outros através do nosso trabalho. Reconhecer o rosto daquele que sofre nas periferias urbanas e rurais é a chave do amor político que a [Carta encíclica] *Fratelli tutti* propõe. A fraternidade não é uma utopia abstrata, mas uma categoria política e teológica que obriga a vermo-nos como iguais, derrubando os muros da indiferença globalizada (cf. Carta enc. *Fratelli tutti*, 73). Não recusemos o encontro quotidiano com Cristo na tarefa de cada dia, por mais banal e insignificante que nos possa parecer. Não há trabalho pequeno aos olhos de Deus: a grandeza de uma obra não reside no que se realiza, mas no amor que se coloca em cada gesto, em cada palavra, em cada pensamento.

Queridos irmãos e irmãs: deixo-vos como tarefa, neste mundo em profundas mudanças, os princípios que deram origem à Doutrina Social da Igreja: defender a dignidade do ser humano, promover o bem comum, reconhecer a destinação universal dos bens, viver uma solidariedade efetiva e uma subsidiariedade responsável, para que construamos juntos a civilização do amor. «Trabalhemos com perseverança, recolocando Deus no horizonte do nosso agir e o ser humano no centro das nossas escolhas» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 16). Só assim poderemos ter a certeza de que estamos a percorrer na terra o caminho que Deus traçou para nós no céu. E só assim poderemos dar frutos com o nosso trabalho; frutos que perdurem até à vida eterna (cf. *Jo* 15, 16). Muito obrigado!

«Trabalhemos com perseverança, recolocando Deus no horizonte do nosso agir e o ser humano no centro das nossas escolhas» (Carta enc. Magnifica humanitas, 16).

05

PALACIO SAN MARTÍN · BUENOS AIRES

DISCURSO

Dignidade, liberdade, esperança

Encontro com os líderes das comunidades cristãs e das tradições religiosas

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

> **Os nossos pulmões buscam pelo ar, tal como a consciência anseia pelo bem. Todos os dias procuramos a água tal como a verdade, precisamos de alimentos tal como de justiça.**

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,
queridos amigos que, tal como nós, adorais o único Deus,
estimados representantes das diversas tradições religiosas,

Alegra-me muito poder saudar-vos durante esta viagem apostólica. O nosso encontro assenta nos pilares do diálogo e da amizade, que foram fundamentais na vida do Papa Francisco e que agora queremos fortalecer, construindo novas pontes, ou seja, novos caminhos de colaboração na sociedade em que vivemos. Eu também estou aqui entre vós como Sucessor do Apóstolo Pedro e, ao professar com ele a fé em Cristo, «Filho de Deus vivo» (*Mt* 16, 16), verdadeiro Deus e verdadeiro homem, reconheço a unidade do Batismo com os irmãos das confissões cristãs. Segundo os ensinamentos do Concílio Vaticano II, desejo reafirmar o vínculo espiritual que une a Igreja ao povo de Israel (cf. Decl. *Nostra aetate*, 4) e o sincero respeito pelo que há de santo e verdadeiro nas diferentes tradições religiosas (cf. *ibid.*, 2).

A identidade do povo argentino tem-se configurado como um crisol de raças, culturas e religiões diferentes, formado pelos povos originários e por tantos imigrantes de várias partes do mundo que chegaram a esta terra ao longo dos séculos, trazendo consigo os seus sonhos e a sua fé: no início, eram católicos, evangélicos e judeus; depois, muitos outros. Na sua diversidade, todos eles aprenderam a trabalhar juntos, a formar famílias e comunidades, a construir colónias e aldeias, «numa admirável simbiose com as tradições locais» (S. João Paulo II, *Homilia*, Aeroporto de Paraná, 9 de abril de 1987). Assim, conferiram unidade à nação e levaram adiante projetos comuns, sem que as religiões fossem jamais motivo de divisão, mas pontos de encontro e de compromisso com a sociedade.

Também hoje, todos nós somos testemunhas de um credo que decidimos viver, transformando-o numa mão estendida para partilhar valores culturais e boas obras. O nosso intercâmbio tem como base a escuta, que possibilita o conhecimento recíproco e permite refletir em conjunto sobre um gesto que realizamos diariamente. Em todas as religiões *rezamos*, elevando as nossas vozes a Deus. De acordo com as respectivas tradições, muitas línguas, cânticos e gestos convergem para o alto, quase reunindo-se perante o mistério inefável da nossa existência (cf. Decl. *Nostra aetate*, 1).

É precisamente esta forma particular da palavra humana – a oração – que nos convida a escutar, para além das palavras pronunciadas, as vozes uns dos outros. Quando falamos com Deus, somos nós próprios que tomamos a palavra: a oração expressa, portanto, quem somos perante Deus. A dimensão religiosa é como um espelho que reflete o nosso ser, os nossos pensamentos e sentimentos, as nossas relações. Especialmente na era digital, a oração ajuda-nos a vencer as distrações, descobrindo no silêncio o valor da escuta.

Ao observar atentamente esta experiência, gostaria de refletir hoje convosco sobre três aspectos que emergem das orações sinceras, nas quais o nosso acreditar ganha voz, a saber: as religiões como guardiãs da dignidade humana, como expressões da nossa liberdade e como espaços para cultivar a esperança.

Acima de tudo, cada religião atesta que a pessoa humana é necessidade e desejo: todos nós somos anseio de vida. Os nossos pulmões buscam pelo ar, tal como a consciência anseia pelo bem. Todos os dias procuramos a água tal como a verdade, precisamos de alimentos tal como de justiça. A este respeito, as religiões recordam a todos que não somos apenas matéria: na nossa carne está inscrita uma superabundância de vida e sentido. Esse mesmo desejo, que se torna grito e súplica, atesta, por isso, que não viemos do nada, nem fomos feitos para a morte. Então, desta forma as religiões salvaguardam a dignidade humana: na oração – expressão da nossa fé – os ideais de bem, justiça, saúde e paz não são palavras vazias que hão de ser preenchidas com interesses particulares, mas testemunhos da nossa vontade comum, propensa para a alegria. Por isso, sempre que rezamos devemos preocupar-nos com quem vive ao nosso lado, fazendo com que as palavras que pronunciamos se tornem realidade através de uma fraternidade renovada. Enquanto louvamos a Deus pelo dom da vida, defendamo-la sempre e para todos, desde a conceção até ao seu fim natural, especialmente quando é ameaçada pela miséria e pela violência. É assim que as religiões promovem a dignidade de cada homem e mulher, na família e nos estudos, no trabalho e no meio ambiente.

Em segundo lugar, quando o homem fala com Deus, sabe que ele próprio não é Deus. Não fomos nós que criámos a terra. Pois bem, não destruamos com as nossas mãos o "jardim" que o Criador nos confiou! A este respeito, na medida em que guardam a sabedoria dos povos, as religiões edificam a sociedade, educam as consciências e libertam-nos dos ídolos: do ídolo do domínio, porque não somos o Deus dos outros; do ídolo da vaidade, porque as coisas que possuímos não nos tornam divinos; do ídolo da guerra, porque um só é o Senhor e juiz da história. Ele dá-nos continuamente a vida e cuida de todos os povos: o verdadeiro nome do seu poder é amor, um amor que não conhece fim. Enquanto louvamos a Deus pelo dom da salvação, comprometamo-nos a ser sinal deste dom para o mundo. Assim, da melhor forma, as religiões expressam a nossa liberdade.

“A este respeito, na medida em que guardam a sabedoria dos povos, as religiões edificam a sociedade, educam as consciências e libertam-nos dos ídolos: do ídolo do domínio, porque não somos o Deus dos outros; do ídolo da vaidade, porque as coisas que possuímos não nos tornam divinos; do ídolo da guerra, porque um só é o Senhor e juiz da história.

Em terceiro lugar, quando o homem fala com Deus, abre-se ao futuro. Sim, o futuro é o tempo da fé! As religiões são um elo entre gerações, memória milenar, profecia, espera e promessa; por isso, os crentes encaram sempre o futuro com esperança. Quando a luz da fé atravessa as trevas da morte, o futuro de cada homem e mulher, da sociedade e do mundo inteiro recupera a esperança. A nossa expectativa comum torna-se então um trabalho árduo, porque esta esperança anima-nos a tecer laços de vida boa, que libertam da solidão e reúnem os povos na concórdia. A este respeito, a

própria palavra religião é eloquente: remete para *religare*, ou seja, interligar, unir as pessoas umas às outras. Esta relação sustenta o nosso caminho na história. Logo, enquanto louvamos a Deus pelo dom da esperança, partilhemo-la tanto com quem sofre na pobreza como com quem perdeu o sentido da vida e com todos aqueles que desejam comprometer-se na renovação do mundo segundo a justiça. Sendo oração e anúncio, a nossa linguagem torna-se caridade eloquente, que anima toda a ação.

> **Sim, o futuro é o tempo da fé!**

> **A este respeito, a própria palavra religião é eloquente: remete para religare, ou seja, interligar, unir as pessoas umas às outras.**

Eis o nosso serviço à humanidade: construir um futuro melhor para todos, na expectativa do cumprimento bem-aventurado da história. Com efeito, estamos certos de que quanto mais o homem se conhece verdadeiramente a si mesmo, zelando pela própria dignidade, tanto mais se aproxima de Deus. Assim, cada palavra boa dirigida a quem encontramos, cada gesto bom dirigido ao nosso próximo, ascende como oração sempre agradável ao Autor da justiça, que convida à paz. A este respeito, como afirmava São João Paulo II, juntos «queremos mostrar ao mundo que o impulso sincero da oração não impele à contraposição e, menos ainda, ao desprezo pelo próximo, mas, ao contrário, a um diálogo construtivo em que cada qual, sem ceder de qualquer maneira ao relativismo nem ao sincretismo, toma ainda mais viva consciência do dever do testemunho e do anúncio» (*Discurso aos representantes das diversas religiões do mundo*, 24 de janeiro de 2002). Estas palavras, proferidas em Assis num dia de oração pela paz, continuam a ser muito urgentes: tornam-se hoje motivo de gratidão pelo nosso empenho e fonte

de alento para o caminho de cada um. Queridos irmãos, que cada dia seja tempo de oração, para que a vida de todos reflita aquela dignidade e aquele bem que recebemos de Deus para compartilharmos.

> **Eis o nosso serviço à humanidade: construir um futuro melhor para todos, na expectativa do cumprimento bem-aventurado da história.**

Façamos nossa a oração que nos deixou o meu Predecessor Papa Francisco e que nos compromete a fazer o bem:

«Senhor e Pai da humanidade,
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade,
infundi nos nossos corações um espírito fraterno.
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra
a todos os povos e nações da terra,
para reconhecer o bem e a beleza
que semeastes em cada um deles,
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Amen» (Carta enc. *Fratelli tutti*, 287).

Que o Todo-Poderoso abençoe a nossa paixão pela humanidade e inspire o nosso compromisso de paz: aquela paz que se cumprirá para sempre em nome de Deus. Obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

Religião é religar

> **Que a religião nos ligue de novo ao único Deus omnipotente.**
>
> Santo Agostinho, A verdadeira religião, 55, 113

É o mesmo jogo de palavras que o Papa cita no seu discurso: «religião» como vínculo (*religare*) que une as pessoas entre si e com Deus. Agostinho escreveu-o assim: *religet nos religio uni omnipotenti Deo*.

06

CATEDRAL METROPOLITANA · BUENOS AIRES

HOMILIA

Sede todos bem-vindos

Vésperas com o episcopado argentino e as equipas sinodais

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO

> **A reconciliação exige reconhecer as feridas, renunciar ao ressentimento e deixar que a graça de Deus transforme as relações entre nós.**

Eminências, Excelências,
Queridos membros das Equipas sinodais,
Irmãos e irmãs em Cristo Jesus,

Neste momento de oração, gostaria que percorrêssemos juntos, com o pensamento, as diferentes regiões deste belo país. Em cada uma de suas províncias, a nossa fé criou raízes em povos e culturas diversas e, sem perder a unidade que nasce de Cristo, deu origem a expressões próprias da vida cristã. Pensemos no Noroeste, na sua fé simples e nas suas profundas devoções. Dirijamo-nos ao litoral, com seus grandes rios e campos semeados de futuro. Atravessemos o Nordeste, para nos maravilharmos com as suas estupendas cataratas e extensas plantações de erva-mate, que caracterizam os costumes de todo o Cone Sul. Aproximemo-nos da região de Cuyo, onde as vinhas alegram o coração do homem. Passemos pelos pampas e valorizemos a sabedoria de quem trabalha a terra. Subamos às serras e, do alto, apreciemos os dons da criação. Vamos ao Sul, onde o frio e os desertos não impedem o caloroso acolhimento da fé.

Nesta diversidade geográfica e cultural, encontramos uma presença maternal que acompanha os seus habitantes e à qual o povo expressa o seu carinho em procissões e peregrinações, em caminhos de fé e promessas realizados a pé ou a cavalo, em poemas, orações e cânticos que se elevam em honra do seu nome. Refiro-me à Imaculada Virgem Maria, a quem este povo venera sob diferentes invocações: a Santíssima Virgem do Milagre, Nossa Senhora do Vale, a Virgem do Rosário, Maria de Itatí, Nossa Senhora de Luján. Ela, que permaneceu unida aos apóstolos na oração, acompanha também hoje a Igreja que anuncia o seu Filho (cf. *Act* 1, 14). Em cada recanto desta terra mariana, desde as grandes cidades até às menores aldeias, há irmãos que esperam conhecer a Boa Nova do Evangelho. Por isso, o lema desta Viagem Apostólica assume um significado especial: *Sede todos bem-vindos. Ide e anunciai!*

> **Por isso, o lema desta Viagem Apostólica assume um significado especial: Sede todos bem-vindos. Ide e anunciai!**

Depois de termos percorrido o país com a nossa imaginação e renovado o nosso desejo de sair a evangelizar, voltemos agora o nosso olhar a esta Catedral onde nos encontramos reunidos. É providencial poder celebrar as II Vésperas da dedicação da Basílica de São João de Latrão, "mãe e cabeça de todas as Igrejas da cidade e do mundo", nesta esplêndida Catedral da Santíssima Trindade, Igreja-mãe de Buenos Aires, onde repousam, além disso, os restos mortais do general José Francisco de San Martín, Pai da Pátria.

A festa da dedicação da Basílica Lateranense convida-nos a contemplar o mistério da Igreja, edificada sobre Cristo, pedra angular, na qual todos nós, como pedras vivas, somos chamados a formar uma morada espiritual (cf. *1 Pe* 2, 4-5). A condição de São João de Latrão como Catedral do Bispo de Roma confere a esta liturgia um significado particular de comunhão com a Sé de Pedro, e este vínculo torna-se especialmente próximo ao celebrá-la nesta Catedral, cuja cátedra foi ocupada pelo nosso querido Papa Francisco antes de ser chamado a apascentar a Igreja universal. É também um convite para todos os fiéis viverem a unidade da fé e do amor, e para reconhecerem que, pelo Batismo, cada um recebeu dons que deve colocar ao serviço da Igreja inteira.

Esta comunhão, que tem a sua fonte no mistério da Santíssima Trindade, une entre si os Bispos ao Sucessor de Pedro e entre si, manifestando-se também em cada Igreja particular, onde o Bispo, com o seu presbitério e os fiéis que lhe foram confiados, é chamado a preservar a unidade na fé e na caridade (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 23).

A este respeito, gostaria de salientar o testemunho de ilustres Bispos argentinos, que souberam trabalhar pela unidade e pela paz, como os beatos Mamerto Esquiú, Enrique Angelelli e Eduardo Pironio. «As suas vidas mostram como uma só missão pode assumir formas diversas, de

acordo com os tempos e as circunstâncias, e constituem uma escola de pastores nascida da nossa história eclesial. Os santos continuam a formar santos (cf. *Heb* 13, 7)» (*Carta aos Bispos da América Latina e do Caribe por ocasião do terceiro centenário da canonização de São Toríbio de Mogrovejo*, 8 de setembro de 2026).

Os santos continuam a formar santos (cf. Heb 13, 7)» (Carta aos Bispos da América Latina e do Caribe por ocasião do terceiro centenário da canonização de São Toríbio de Mogrovejo, 8 de setembro de 2026).

Fundada por Jesus Cristo, n'Ele a Igreja é «como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (Const. dogm. *Lumen gentium*, 1). Esta unidade, recebida como um dom, empenha-nos também na reconciliação. O relevo do frontispício desta Catedral representa o reencontro de José com seu pai Jacob e seus irmãos, recordando-nos como Deus abre caminhos de vida mesmo onde os homens semearam divisão. José, que sofrera por causa dos seus irmãos, perdoa-lhes e torna-se instrumento de salvação para os que lhe tinham feito mal. Ele próprio reconhece a ação providencial de Deus no meio daquela história dolorosa: «Premeditastes contra mim o mal. Mas Deus aproveitou-o para o bem» (*Gn* 50, 20). A reconciliação exige reconhecer as feridas, renunciar ao ressentimento e deixar que a graça de Deus transforme as relações entre nós. A nossa missão pastoral consiste em trabalhar incansavelmente para que todos os homens, tanto os que estão próximos como os que estão longe, conheçam Cristo e possam reconhecer-se como irmãos.

A diversidade desta terra manifesta-se também nas suas Igrejas particulares, cada uma com as suas tradições e expressões pastorais próprias. Em todas está verdadeiramente presente e atua a Igreja de Cristo (cf. Decr. *Christus Dominus*, 11). Esta diversidade encontra a unidade na mesma fé, nos Sacramentos e na comunhão eclesial. Elas participam na missão da Igreja, para que a alegria do Evangelho chegue a todos. Por isso,

salvaguardemos a comunhão, acolhendo com caridade as nossas legítimas diferenças e cultivando a fraternidade, para que a nossa unidade torne visível o amor de Cristo e ajude muitos a encontrá-lo.

Queridos Bispos, como vos escrevi recentemente, «entre as muitas responsabilidades que ocupam a nossa jornada, fomos enviados para anunciar a Boa Nova» (*Carta aos Bispos da América Latina e do Caribe por ocasião do terceiro centenário da canonização de São Toríbio de Mogrovejo*, 8 de setembro de 2026). Portanto, que o anúncio de Jesus Cristo continue a ser o centro de toda a nossa ação pastoral. Continuemos a promover a formação dos agentes pastorais, o primeiro anúncio e a catequese, a liturgia e a caridade. É necessário que trabalhemos unidos para fomentar as vocações sacerdotais e religiosas, acompanhar as famílias e atender aos que vivem na pobreza, não têm emprego ou não dispõem de uma digna habitação. O amor de Cristo impele-nos! (cf. *2 Cor* 5, 14).

A solicitude maternal da Igreja encontra um bonito exemplo em Maria, que nas bodas de Caná percebeu a necessidade dos noivos e recorreu a Jesus para lha apresentar, convidando depois os servos a obedecer à palavra do seu Filho (cf. *Jo* 2, 3-5). Tal solicitude deve ser manifestada no ministério dos pastores, chamados a discernir as realidades humanas à luz do Evangelho, escutando e conhecendo as circunstâncias concretas das pessoas que lhes foram confiadas: os desempregados, os jovens que se veem obrigados a emigrar, os idosos que vivem abandonados e as comunidades marginalizadas; também aqueles que, embora tendo as suas necessidades materiais satisfeitas, sentem uma profunda necessidade de Deus, de sentido e de esperança. São muitos os rostos que nos interpelam e chamam a partilhar as alegrias e os sofrimentos do nosso povo, respondendo com a proximidade e as obras que o Evangelho exige perante situações carentes da nossa ajuda.

Queridos irmãos, sustentai as iniciativas que beneficiam as pessoas confiadas aos vossos cuidados pastorais. Alegrai-vos com tudo o que favorece a vida do vosso povo: o trabalho honrado, a atenção aos mais necessitados e as instituições que servem com responsabilidade o bem comum. Acompanhai igualmente aqueles que, tanto na Igreja como na sociedade civil, trabalham pelo desenvolvimento integral de cada pessoa.

Enquanto aguardamos aquela Jerusalém celestial que contemplámos na Leitura Breve, a esperança dos bens eternos anima-nos a procurar a justiça e a cultivar a fraternidade nesta terra (cf. Const. past. *Gaudium et spes*, 39).

Para bem servir a Argentina de hoje, gostaria de vos encorajar, com as vossas Equipas sinodais, a continuardes escutando-vos uns aos outros e discernindo juntos – como condiscípulos do único Mestre – aquilo que o Espírito Santo vos pede, sob a orientação dos seus pastores, à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja. Que Ele vos ilumine e fortaleça para traduzir em decisões concretas o respeito pela dignidade de cada pessoa e o compromisso com o destino universal dos bens, a opção preferencial pelos pobres e o cuidado da criação (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 14).

O Papa Francisco, ao visitar o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, recordando a sua experiência na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, afirmou que tinha podido ver em primeira mão «como os Bispos – que trabalharam sobre o tema do encontro com Cristo, discipulado e missão – eram animados, acompanhados e, em certo sentido, inspirados pelos milhares de peregrinos que vinham diariamente confiar a sua vida a Nossa Senhora» (*Homilia*, Aparecida, 24 de julho de 2013). A este respeito, gostaria de vos incentivar a continuar e trabalhar com base nos ensinamentos do *Documento de Aparecida*, qual facho luminoso para prosseguir juntos neste tempo.

Queridos irmãos, Maria, Mãe de Cristo e nossa Mãe, é, por antonomásia, a morada de Deus entre os homens, pois acolheu no seu ventre o Verbo eterno que se fez carne. *N'Ela*, imagem e início da Igreja que alcançará a plenitude na glória, contemplamos antecipadamente a alegria que nos foi prometida, quando Deus habitar para sempre com o seu povo na Jerusalém celestial (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 68). *D'Ela*, aprendemos a atenção dada à vontade de Deus e a obediência à sua Palavra, bem como a solicitude em identificar as necessidades dos seus filhos (cf. São Paulo VI, Exort. ap. *Marialis cultus*, 21). *Com Ela*, desejamos habitar um dia naquela cidade santa, na qual não existirá nada de impuro (cf. *Ap* 21,27).

A *Ela*, confiemos as nossas preocupações e anseios, o nosso ministério e a nossa missão pastoral, e peçamos-lhe que, tal como fez nas bodas de Caná, interceda junto do seu Filho, para que Ele nos conceda o que nos falta, especialmente a graça de uma conversão constante, que purifique os nossos corações e nos disponha a participar na alegria eterna do seu Reino. Assim seja.

SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE ANTES DO JANTAR COM OS BISPOS

Olá, boa tarde!

Quanto entusiasmo, quanta alegria! E tudo isto porque conhecemos Cristo. Aplausos para Jesus!

> **E tudo isto porque conhecemos Cristo. Aplausos para Jesus!**

Obrigado, Buenos Aires. Obrigado por me receberdes.
Obrigado, Argentina.

Que a bênção do Senhor chegue ao coração de cada um, de todas as vossas pessoas queridas, e que vivais sempre com a alegria de saber que Cristo nos chama. Somos todos bem-vindos e enviados a anunciar com alegria a Boa Nova.

E que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós. Ámen.

Viva Jesus Cristo!

07

ESCOLA DE AVIAÇÃO MILITAR · CÓRDOBA

HOMILIA

Terra de santos

Santa Missa na Escola de Aviação Militar

TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO

> **Na verdade, o seu lema era ir aonde Deus não é conhecido, para O dar a conhecer.**

Queridos irmãos e irmãs,

A confissão de Pedro, que ao longo da história ressoa nos seus sucessores, manifesta-nos o mistério de Deus revelado em Cristo para a nossa salvação. Uma mensagem de salvação que continua a ser atual e conta com a intercessão de tantos irmãos na fé, que agora nos acompanham do céu. A terra que agora nos recebe, não em vão foi rica em frutos de santidade; o exemplo daqueles que nos precederam neste caminho continua a interpelar-nos para que vivamos como eles viveram e para que entreguemos a vida, tal como Cristo fez por nós e eles souberam imitar na perfeição.

A cidade de Córdoba, herdeira natural da primeira sede episcopal erigida na Argentina, tem sido terra de santos. Pelos seus conventos e igrejas, pelas suas ruas e hospitais, passaram homens e mulheres que, apaixonados por Jesus, deram a vida pelo Evangelho. Para citar apenas dois exemplos, na Argentina viveram homens e mulheres, como o Padre Brochero e a Mama Antula, ambos chamados pelo Senhor e enviados em missão, sem que eles próprios tivessem sequer consciência do que viria a ser o carácter extraordinário da sua obra evangelizadora, porque todos nós cristãos somos simples servos e não temos de fazer mais do que cumprir o nosso dever (cf. *Lc* 17, 10).

É, portanto, um dever gratificante cumprir a missão que o Senhor confia a cada um de nós. Sim, queridos irmãos e irmãs, todos somos chamados à santidade. É nisso que consiste o nosso trabalho na terra: alcançar a perfeita união com Deus. Um chamamento que, além disso, é sempre missionário: temos de dar a conhecer aos outros a beleza que conhecemos em Cristo (*contemplata aliis tradere*). Como cristãos, devemos ensinar «o que é conforme à sã doutrina» (*Tt* 2, 1). Neste sentido, agora faço também minha esta exortação de São Leão Magno, de quem celebramos hoje a memória litúrgica e a cuja proteção me confio: «Reconhece, ó cristão, a tua dignidade. Uma vez constituído participante da natureza divina, não penses em voltar às antigas misérias com um comportamento indigno da tua

geração. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Não esqueças que foste libertado do poder das trevas e transferido para a luz do reino de Deus» (*Sermo 1 in Nativitate Domini*, *PL* 54, 192-193).

Não há melhor forma de ensinar do que com o exemplo da própria vida, pois «o mundo espera de nós um compromisso de vida e um testemunho de oração» (S. João Paulo II, *Homilia*, Estádio «Vélez Sarsfield» de Buenos Aires, 10 de abril de 1987). Isto exige uma adesão total, sem reservas, a Jesus Cristo. É o testemunho dos santos e é algo que, mesmo no meio das dificuldades, nos faz viver com esperança.

“

Não há melhor forma de ensinar do que com o exemplo da própria vida, pois «o mundo espera de nós um compromisso de vida e um testemunho de oração» (S. João Paulo II, Homilia, Estádio «Vélez Sarsfield» de Buenos Aires, 10 de abril de 1987)**.**

Hoje, a partir de Córdoba, centro geográfico do país, queremos dar graças a Deus pelos diversos frutos de santidade das pessoas que, aqui nascendo ou vivendo grande parte da sua vida, foram enviadas pelo Senhor a esta terra argentina. Assim como as serras de Córdoba se distinguem pela beleza e variedade harmoniosa de formas e tonalidades, também os santos e beatos se caracterizam por terem recebido carismas e missões diferentes. São uma amostra polifónica da vocação universal de cada batizado à santidade, ou seja, à configuração com Cristo. No rosto dos santos com sotaque argentino destaca-se a unidade entre a paixão pelo Evangelho e o compromisso na construção duma pátria fraterna e solidária. Todos eles souberam assumir os desafios do seu tempo histórico e transformaram-nos numa oportunidade para anunciar a Boa Nova, não de forma abstrata, mas configurando a própria vida para conseguirem ser testemunhas fidedignas e eficazes do amor de Cristo.

Em primeiro lugar, recordemos com gratidão São José Gabriel del Rosário Brochero. Este sacerdote foi realmente apaixonado pelo Senhor e soube encontrar na oração a força da sua vida. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola mudaram para sempre a sua existência e configuraram-na com Cristo, concretizando o que rezámos no salmo responsorial: «Confia no Senhor e faz o bem» (*Sl* 37, 3). Só quem fez amizade com Jesus Cristo é capaz de empreender esta tarefa apostólica; só quem se sabe amado pelo Senhor é capaz de alargar o seu reino de caridade e justiça, empregando as próprias forças no anúncio do Evangelho, sem outras armas senão o crucifixo e o santo terço.

“Só quem fez amizade com Jesus Cristo é capaz de empreender esta tarefa apostólica; só quem se sabe amado pelo Senhor é capaz de alargar o seu reino de caridade e justiça, empregando as próprias forças no anúncio do Evangelho, sem outras armas senão o crucifixo e o santo terço.

Também cativada pela espiritualidade inaciana, María Antonia de Paz y Figueroa soube conciliar a contemplação com a ajuda ao próximo. Ela reconheceu que o melhor exercício de caridade para com o outro é aproximá-lo de Deus. Como recordava o meu amado predecessor Francisco, os pobres têm necessidade de Deus e de pessoas que expressem, com suas vidas, a força do amor cristão (cf. *Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres*, 13 de junho de 2019, 8). Interpelada por esta mesma inspiração, a Mama Antula percorreu incansavelmente o território desta pátria para mostrar a tantas pessoas o caminho do céu. Na verdade, o seu lema era ir aonde Deus não é conhecido, para O dar a conhecer.

Dois santos, dois exemplos, duas formas de se identificarem com Cristo, que Ele próprio fez surgir nesta região, a partir da qual hoje nós lhe prestamos culto.

Com eles, damos graças a Deus também pelos mártires, que confessaram a sua fé até à entrega da própria vida, como São Héctor Valdivielso Sáez e os beatos martirizados na Guerra Civil Espanhola e nas províncias argentinas de La Rioja e de Salta.

Agradecemos ao Senhor o dom que concedeu à Igreja, dando-lhe pastores segundo o seu coração, como os beatos Frei Mamerto Esquiú e Cardeal Eduardo Pironio.

Dedicamos uma especial palavra de gratidão à vida consagrada, às fundadoras de congregações, como Santa Nazaria Ignacia e as beatas María del Tránsito Cabanillas e Catalina de María Rodríguez; e a muitas outras religiosas que se dedicaram com ardente caridade à educação das crianças e ao cuidado dos doentes, como as beatas María Ludovica de Angelis e Crescencia Pérez.

Além disso, o Povo fiel de Deus alegre-se pelos leigos que, tendo recebido o anúncio do Evangelho, viveram plenamente a vocação batismal, amando a Deus e os irmãos na simplicidade do quotidiano, como São Artémides Zatti e os beatos Ceferino Namuncurá e Laura Vicuña.

Queridos irmãos e irmãs, todos estes santos e beatos já cumpriram a sua missão na terra. Hoje cabe-nos a nós seguir o facho luminoso de santidade que nos deixaram. Celebramos esta Santa Missa pela santificação do povo argentino, pela santificação de todos vós. Abri os vossos corações e, com a graça de Deus, ide e sede santos! (cf. *1 Ts* 4, 3): na escola e na praça, na família e com os amigos, no campo e na cidade, na fazenda e no escritório. Ide e evangelizai!

Abri os vossos corações e, com a graça de Deus, ide e sede santos! (cf. 1 Ts 4, 3)**: na escola e na praça, na família e com os amigos, no campo e na cidade, na fazenda e no escritório.**

Nesta celebração, temos diante de nós a imagem de Cristo pobre, que o próprio Padre Brochero mandou esculpir enquanto se encontrava no leito da dor e em cujo rosto ficaram artisticamente representados os traços deste povo. Deixemo-nos interpelar pelo seu olhar e, à sombra da sua cruz, encontraremos a salvação e a vida, o caminho da nossa própria santificação. Peço a Deus, por intercessão de São Leão Magno, que continue a nos abençoar e nos conceda a graça de confessar sempre: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (*Mt* 16, 16).

PALAVRAS IMPROVISADAS DO SANTO PADRE À CHEGADA À CASA ARQUIEPISCOPAL (DA VARANDA DO ARCEBISPADO)

> *Tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com, a partir do original espanhol: a versão portuguesa oficial não estava disponível em vatican.va.*

Muito bem! Uma saudação a todos!
Neste dia de festa, demos graças a Deus pelo dom da fé, pelo dom de podermos partilhar assim. Vede quantos vieram às ruas!
Obrigado por me acolherem, obrigado por esta saudação, mas sobretudo demos graças a Deus pelo dom da vida, pelo dom deste entusiasmo, pelo dos jovens! Onde estão os jovens?

Pelo dom de podermos estar unidos. Unidos todos, sempre convencidos de que estamos unidos. Quando estamos unidos, podemos conseguir tudo. Deus está perto de vós e estará sempre presente.
Continuai a viver a vossa fé! Deus abençoe toda a Córdoba!

E a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre todos vós.
Muito obrigado! E viva Cristo!

“Quando estamos unidos, podemos conseguir tudo.

A CHAVE AGOSTINIANA

Não poderás tu o que estes e estas?

> **Não poderás tu o que estes e estas puderam?**
>
> Santo Agostinho, Confissões, VIII, 11, 27

Agostinho ouviu esta pergunta, no momento decisivo da sua conversão, perante o exemplo de tantos homens e mulheres que já viviam entregues a Deus. A homilia de Córdoba faz o mesmo: oferece a «luminosa esteira» dos santos argentinos e diz a cada um: ide e sede santos!

08

CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO · CÓRDOBA

DISCURSO

Uma vida disponível

Encontro com bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos, seminaristas e agentes pastorais

TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO

> **Com o passar dos anos, pode acontecer algo paradoxal: trabalhar muito para Deus e passar cada vez menos tempo com Deus.**

Queridos irmãos e irmãs em Cristo Jesus,

Gostaria de começar por agradecer ao senhor Cardeal Rossi pelas suas palavras, bem como aos que partilharam os seus testemunhos e a todos pelo carinho com que me receberam. Fico muito feliz por me encontrar hoje convosco, consagrados, seminaristas, sacerdotes e todos os batizados que entregastes a vossa vida ao serviço do Senhor e do seu povo.

Durante o último canto, muitos de vós estavam com as mãos levantadas, talvez para me saudar ou para acompanhar o canto. São estas as mãos que Jesus procura. Ele quer as vossas mãos para continuar a sua missão.

Enquanto preparava esta reflexão, vieram-me à memória os *Exercícios Espirituais*, tão presentes na história desta terra. Foi uma feliz coincidência ouvir a Irmã María Elisabeth evocar uma das suas contemplações. Quando a sua prática corria o risco de se perder, Mama Antula percorreu enormes distâncias para os manter ao alcance de todos. Décadas mais tarde, o santo Cura Brochero fez deles um elemento central do seu ministério, atravessando as serras ao lado dos seus conterrâneos até esta cidade, para que pudessem encontrar-se pessoalmente com Deus. E, recentemente, um jesuíta argentino, o Papa Francisco, trouxe consigo a riqueza da espiritualidade inaciana e partilhou-a com a Igreja inteira.

Também hoje, sacerdotes, seminaristas, famílias religiosas e leigos se retiram para permanecer em silêncio e, perante Deus, voltar a perguntar-se o que Ele deseja das suas vidas. Gostaria, por isso, de deixar que algumas das perguntas dos *Exercícios* nos acompanhem esta tarde. Santo Inácio começa com o *Princípio e Fundamento* (cf. n. 23). Assim, a primeira pergunta é esta: para que estamos aqui? Antes de qualquer responsabilidade, ministério ou função, houve um chamamento. Cristo passou um dia pela nossa vida, chamou-nos e compreendemos que valia a pena segui-lo. Tudo o que viria depois deveria continuar a nascer a partir desse primeiro “sim”.

> **Antes de qualquer responsabilidade, ministério ou função, houve um chamamento.**

Com o passar dos anos, pode acontecer algo paradoxal: trabalhar muito para Deus e passar cada vez menos tempo com Deus. Continuamos a servir, a celebrar e a desempenhar tantas tarefas necessárias; porém, podemos acabar por nos apoiar mais no que fazemos do que n'Aquele por quem o fazemos. *Princípio e Fundamento* volta, então, a colocar cada coisa no seu lugar: a nossa vida pertence a Deus e só encontra a sua ordem quando tudo o resto tem n'Ele o centro. Voltemos, pois, com simplicidade à Eucaristia, à escuta da Palavra, a essa relação com o Senhor que sustenta tudo o resto. Cuidemos dessa chama que um dia acendeu a nossa vocação e não permitamos que as urgências, o cansaço ou a rotina acabem por apagá-la.

Em seguida, durante os *Exercícios*, deparamo-nos com perguntas que não podemos evitar: o que está desordenado em nós? Em que falhámos em relação a Deus? (cf. nn. 32-43). Passados poucos ou muitos anos de termos dito "sim" ao Mestre, podemos habituar-nos a coisas que antes nos teriam inquietado: dureza com os outros, resistência a aceitar correções, rivalidades, afetos, pecados ou apegos que nos vão privando da liberdade. Pode até acontecer algo mais grave: que aprendamos a justificar tudo, encontrando "razões pastorais", comunitárias ou pessoais para aquilo que sabemos não estar correto.

Falhamos também quando não fazemos o bem que nos caberia: quando já não escutamos com paciência, quando optamos pela comodidade ou quando nos calamos perante algo que deveríamos enfrentar. Em nenhuma etapa da vida se pode prescindir da conversão. Precisamos de examinar a consciência, recorrer à confissão e permanecer humildes para nos deixarmos corrigir. Queridos irmãos e irmãs, tenhamos a coragem de reconhecer com clareza em que aspectos não fomos fiéis a Deus, colocando-os diante da sua misericórdia.

Em nenhuma etapa da vida se pode prescindir da conversão.

Assim, só depois de nos ter levado a encarar de frente o próprio pecado é que Santo Inácio nos coloca perante Cristo, o *Rei eterno* (cf. nn. 91-98), que continua a chamar-nos e a enviar-nos. O Senhor sabia de que barro fomos feitos e, mesmo assim, quis contar conosco (cf. *2 Cor* 4, 7). A pergunta, portanto, não é sobre quanto o decepcionámos, mas se continuamos disponíveis para Ele. No início da vocação, costumamos oferecer tudo. Depois, passam os anos e surgem as preferências, os lugares onde nos sentimos confortáveis e uma certa ideia de como a nossa história deveria continuar. Será que o Senhor ainda nos pode enviar para onde não tínhamos pensado? Será que nos pode pedir que deixemos algo a que dedicámos anos ou que aceitemos uma tarefa que nunca teríamos escolhido?

A pergunta, portanto, não é sobre quanto o decepcionámos, mas se continuamos disponíveis para Ele.

É esta liberdade que se vai purificando nas meditações *Duas Bandeiras*, *Três Binários* e *Eleição* (cf. nn. 136-189): aprender a reconhecer o que nos prende, o que condiciona as nossas decisões e até que ponto estamos dispostos a deixar que Deus atue na nossa vida. Com efeito, fomos enviados a um povo e devemos perguntar-nos o que somos chamados a oferecer-lhe. Queridos seminaristas, aprendam a olhar com os olhos de Deus e a deixar-se evangelizar pelo seu povo. Quem menos tem, também nos pode ensinar muito, como Julián descobriu na Missa.

A Igreja que peregrina na Argentina conta com a riqueza de uma sensibilidade muito viva para com as necessidades sociais dos seus filhos. Dela nasceram tantas presenças generosas junto de quem sofre. Mas esta proximidade deve levar-nos ainda mais longe, porque cada pessoa a quem servimos é chamada a encontrar-se com Cristo e a ser transformada por Ele. O Papa Francisco expressou-o com palavras que merecem ser recordadas: «A pior discriminação que os pobres sofrem é a falta de atenção espiritual» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 200).

A fome e as injustiças são prementes e exigem uma resposta. O mesmo se passa com a doença, a solidão, a falta de trabalho ou de uma habitação digna. A caridade cristã está seriamente comprometida com tudo isto. Sem esquecer que quem sofre precisa de receber de nós o maior dom que a Igreja possui: Jesus Cristo. O meu querido Predecessor manifestou-o com particular clareza: «A Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho. [...] Se, por hipótese, uma vez acontecesse que a Igreja não levasse Jesus, ela seria uma Igreja morta!» (*Catequese na Audiência Geral*, 23 de outubro de 2013). Eis a grandeza da nossa vocação! Ser portadores da presença de Cristo, tornar possível o encontro com Ele através da Palavra, dos Sacramentos e duma proximidade que ajude a reconhecer a sua presença na própria vida. O povo que vos foi confiado anseia por receber de vós aquilo que a Igreja vem há séculos guardando para ele.

Após a *Eleição*, os *Exercícios* conduzem o exercitante a permanecer junto de Cristo na sua *Paixão* (cf. nn. 190-217). Quem escolheu seguir o Senhor aprende, então, a estar com Ele quando esse seguimento passa pela cruz (cf. *Lc* 9, 23). Também a nossa vocação conhece esses momentos: quando não se veem frutos, quando servir é difícil e quando a fidelidade já não conta com o apoio do entusiasmo dos primeiros anos. Muitos de vós conheceis bem essa forma de fidelidade trabalhosa: continuar a rezar quando a oração se torna árida e a servir quando, por mais que se faça, parece que nada muda. Há etapas na vida sacerdotal e consagrada em que perseverar é já uma forma muito concreta de entrega. Mesmo com dúvidas e cansaços, continua-se a dizer com a própria vida: “Eis-me aqui”.

São Héctor Valdivielso, o primeiro santo argentino, é um modelo dessa fidelidade. Tinha apenas vinte e quatro anos e acabara de concluir os *Exercícios Espirituais* anuais quando aquilo que tinha colocado diante de Deus teve de o sustentar na provação. A oração tornou-se então testemunho, e o testemunho levou-o ao derramamento do seu sangue.

Existem também outras formas de dar testemunho, perseverando no meio do sofrimento. A Laura e o padre Martín fizeram-me pensar na minha recente hospitalização e recordar também o padre Brochero que, cego e doente de lepra, continuava a servir o povo. Nos nossos dias, a ideia de recorrer à tecnologia para continuar a dar testemunho é maravilhosa: sede criativos e encontrai novas formas de continuar a pregar. Queridos amigos, lembrai-vos que o que evangeliza é a forma como vivemos a nossa vocação. Nem a idade nem as limitações do corpo podem extinguir o zelo: as nossas forças podem esgotar-se, mas jamais o poder de Deus.

“Nem a idade nem as limitações do corpo podem extinguir o zelo: as nossas forças podem esgotar-se, mas jamais o poder de Deus.

E esse poder revela-se na Ressurreição do Senhor. Santo Inácio conduz o exercitante ao Ressuscitado e pede-lhe que contemple como Cristo exerce o «ofício de consolar» (n. 224). Aí nos ensina a descobrir onde o Mestre está a agir e a receber d’Ele força para regressar à missão. Também a Igreja que peregrina na Argentina necessita de olhar para si mesma, reconhecendo com gratidão o que Deus já está a suscitar nela e perguntando-se por onde Ele deseja abrir novos caminhos. O Ressuscitado já está lá e precede-nos (cf. *Mt* 28, 7).

No final dos *Exercícios*, a *Contemplação para alcançar o amor* convida-nos a refletir sobre tudo o que recebemos de Deus (cf. n. 230-237). E perante tantos dons, Santo Inácio propõe como resposta: «Tomai, Senhor, e recebei…» (n. 234). O itinerário do retiro termina onde tudo começou: numa

vida novamente colocada à disposição de Deus, com as suas possibilidades e os seus limites. Talvez hoje a pergunta à qual tentamos responder seja: o Senhor ainda pode contar comigo? E se a resposta continuar a ser "sim", então há um longo caminho a percorrer. Não desistamos! Jesus continua a caminhar com a sua Igreja, tornando fecunda a vida de quem se entrega nas suas mãos.

A Argentina sabe muito bem o que Deus pode fazer com uma vida que se coloca à disposição. Mama Antula chegou a Buenos Aires descalça e apenas com um crucifixo: trazia pouca coisa, mas era o necessário para começar. Brochero continuou a pregar, embora muitas vezes apenas Deus e a sua mula fossem testemunhas do seu cansaço. O beato Ceferino faleceu antes de completar dezenove anos: não teve tempo de envelhecer, mas de mostrar claramente por quem queria viver. Deus continua a derramar a sua graça e quer contar convosco para levar essabênção desde La Quiaca a Ushuaia, e até ao último recanto da Terra (cf. *Mc* 16, 15).

Ousai olhar para a Argentina com os olhos de Deus! Sonhai com jovens que se perguntam se Cristo os chama, com paróquias que sejam comunidades vivas de fé, com famílias religiosas que tenham a audácia dos seus fundadores, com seminários e noviciados onde se formem santos... Sonhai com uma Igreja que continue a fazer barulho, como vos pediu o vosso conterrâneo Francisco! (cf. *Palavras do Santo Padre no Encontro com os jovens argentinos*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2013). Um barulho que leve a Igreja a todos os recantos e faça ressoar por toda a parte o Evangelho de Jesus Cristo.

> **"Sonhai com uma Igreja que continue a fazer barulho, como vos pediu o vosso conterrâneo Francisco!** (cf. Palavras do Santo Padre no Encontro com os jovens argentinos, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2013)**.**

Queridos irmãos e irmãs, se há algo que os *Exercícios* nos ensinam é que, depois de contemplarmos a nossa própria vida perante Deus, devemos voltar a ela transformados. Regressemos às nossas comunidades com esperança, com liberdade e com vontade de continuar a servir. Talvez não vejamos tudo o que Deus fará com o que hoje semeamos; nem sequer aqueles que nos precederam o viram. Porém, sem a sua entrega, hoje não estaríamos aqui.

Que em nós Deus encontre homens e mulheres dispostos a segui-lo e a deixar-se moldar pelo seu amor. Pessoas que não "esmorecem" enquanto não alcançam a santidade. O Senhor fez grandes coisas nesta terra e estou convencido que ainda fará muitas mais. Que Nossa Senhora de Luján acompanhe este caminho e nos ajude a dizer ao Senhor, com a vida, que Ele pode continuar a contar conosco. Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

Mais íntimo do que o meu íntimo

> **Tu estavas mais dentro de mim do que o mais íntimo de mim, e mais alto do que o mais alto de mim.**
>
> Santo Agostinho, Confissões, III, 6, 11

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que estruturam a homilia, são uma escola de interioridade. Agostinho descobrira-a séculos antes: voltar a Deus não é sair de si mesmo, mas entrar no mais profundo, onde Ele já está à espera.

09

MONUMENTO DE LOS ESPAÑOLES · BUENOS AIRES

RESPOSTAS E DISCURSO

Todos para Cristo, todos com Cristo, todos como Cristo

Vigília com os jovens

TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO

> **Ninguém caiu tão baixo que Cristo não o possa levantar.**

1. Agustina Flores: *Santo Padre, como lidar com a frustração e com os nossos limites sempre que, indo ao encontro dos mais excluídos, não conseguimos acompanhá-los como gostaríamos? Como continuar a caminhar a seu lado quando sentimos que é insuficiente o que fazemos?*

Em primeiro lugar, boa noite e muito obrigado. Que acolhimento maravilhoso! Uma recepção que talvez só a Argentina consiga proporcionar. Obrigado!

Obrigado, Agustina, pela tua pergunta e pelo carinho com que acompanhas estas crianças. Compreendo o que sentes; sei que é difícil, mas não percas a esperança. Santo Inácio de Loyola dizia: «Age como se tudo dependesse de ti, mas consciente de que na realidade tudo depende de Deus» (cf. Pedro de Ribadeneira, *Vida de S. Inácio*: V, XI). Com todo o teu coração, faz o que puderes e une os teus esforços aos dos outros. E quando chegares ao limite das tuas forças, lembra-te que as de Deus não se esgotam. Jesus falava-nos duma semente que cresce enquanto o semeador dorme (cf. *Mc* 4, 26-27). Nem sempre veremos os frutos do que semeamos, mas podemos confiar que Deus continua a tomar conta deles. Por isso, guarda as palavras de Santa Nazária: «Em frente, sempre em frente!». O Senhor caminha contigo!

“E quando chegares ao limite das tuas forças, lembra-te que as de Deus não se esgotam.

2. Franco Pugliese: *Santo Padre, como posso conciliar estas duas realidades: o amor que vivo na paróquia e em casa com as responsabilidades profissionais e outras exigências do dia-a-dia?*

Quero agradecer especialmente pelos testemunhos e pelas perguntas. Depois de ouvir a Guadalupe, aproveito este momento para dizer que sei existirem muitos jovens com a inquietação de dar a sua vida a Cristo na vida consagrada, no sacerdócio e também na vida familiar. Cristo continua a chamar! Não tenhais medo de responder!

Obrigado por esta pergunta, Franco. Pensa nos anos que Jesus passou em Nazaré, a trabalhar com as próprias mãos e a partilhar a vida duma família. O Filho de Deus quis viver assim! Ensinou-nos que também nas pequenas coisas do dia-a-dia podemos encontrar-nos com Ele. Por isso, não precisamos de viver duas vidas: uma para Deus e outra para as nossas ocupações, como se houvesse uma contradição ou um conflito entre elas. Quando trabalhares, estudares ou estiveres com os teus amigos, fá-lo com amor e oferece-o ao Senhor. Dessa forma, também o teu trabalho se torna oração e caminho de santidade. Por isso, Franco, sempre que participares na Eucaristia, leva a tua vida inteira ao altar. E depois volta às tuas ocupações com alegria, sabendo que também ali Jesus te espera. Muito obrigado.

“

Por isso, não precisamos de viver duas vidas: uma para Deus e outra para as nossas ocupações, como se houvesse uma contradição ou um conflito entre elas.

DISCURSO DO SANTO PADRE

Muito obrigado! Obrigado a todos!

Queridos jovens, queridos amigos: *Sede todos bem-vindos*!

Que alegria voltar a este lugar, agora para me encontrar convosco! Boa noite! No *Monumento de los Españoles* há esculturas que representam quatro grandes regiões da Argentina: os Andes, o Chaco, a Pampa e o Rio

da Prata. É maravilhoso que hoje estas terras estejam representadas por tantos jovens! Saúdo-vos a todos.

Obrigado por esta calorosa recepção, bem como pelas vossas perguntas e testemunhos. Agradeço também a D. García Cuerva, Arcebispo desta cidade, pelas palavras que me dirigiu. Quisemos começar este encontro com um sinal: o fogo das nossas velas. Escutemos o que Jesus nos diz: «Vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!» (*Lc* 12, 49). É o fogo do seu amor, transmitido pelo Espírito Santo, que purifica o nosso coração e nos capacita para amar.

Gostaria agora de vos falar de outro fogo: o de uma fornalha na Babilónia. O livro do Profeta Daniel (cf. 1, 3-7.17-20; 2, 49; 3, 1-93) conta-nos a história de três jovens: Ananias, Azarias e Misael. Eles viviam exilados naquela terra, onde aprenderam outra língua, receberam novos nomes e conseguiram um lugar na administração do reino. Tinham um futuro pela frente. Até que chegou o dia de escolher a quem entregariam o seu coração. O rei Nabucodonosor tinha mandado construir uma enorme estátua de ouro e ordenou que todos se prostrassem diante dela. Quem não o fizesse seria lançado numa fornalha ardente. Imaginai a cena: uma multidão a inclinar-se perante o colosso e apenas três jovens permanecem em pé.

O rei ofereceu-lhes uma última oportunidade. Bastava um gesto para continuarem tranquilamente com as suas vidas. Eles responderam que Deus poderia livrá-los do fogo, acrescentando: «E ainda que o não faça» (3, 18), não adoraremos aquela estátua. Quanta liberdade há nesta resposta! Não imaginavam o que iria acontecer. Conheciam o castigo que os esperava, mas sabiam que só em Deus encontrariam a felicidade.

Queridos amigos, também hoje se erguem ídolos que reclamam a nossa adoração: o sucesso a qualquer custo, o dinheiro, a obsessão pela aparência, a popularidade ou a busca desenfreada do prazer. Por vezes, só para ganhar a aprovação dos outros, podemos chegar a mentir, trair ou humilhar alguém nas redes sociais. A inveja pode impedir que nos alegremos com o bem alheio, e o egoísmo pode levar-nos a tratar as pessoas como objectos. Há também quem faça negócio oferecendo prazeres que acabam por nos escravizar, como a pornografia e várias substâncias. O Agostinho disse-nos: “Hoje estou de pé”. Que força

adquirem estas palavras ao recordarmos os três jovens da Babilónia! Também vós, diante dos ídolos do nosso tempo, sois chamados a permanecer de pé. Não vos ajoelheis diante do que não vos pode dar vida! E se alguma vez cairdes, levantai-vos! Não permitais que nada nem ninguém vos arrebate a liberdade que Deus vos deu.



Não vos ajoelheis diante do que não vos pode dar vida!

Durante a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, o Papa Francisco proferiu algumas palavras que ecoaram pelo mundo: «Todos, todos, todos» (*Cerimónia de acolhimento*, 3 de agosto de 2023). Pronunciou-as com aquela insistência que lhe era própria, como quem desejava certificar-se que ninguém ficara sem as escutar. Gostaria de me inspirar nessas palavras para falar sobre o que significa viver como discípulos de Jesus: *todos* para Cristo, *todos* com Cristo, *todos* como Cristo.

Em primeiro lugar, *todos para Cristo*. Entre vós, há quem tenha crescido perto de Jesus e quem só agora comece a procurá-Lo; quem há muito tempo não reza, se afastou da Igreja ou foi magoado por pessoas cujo dever era acompanhar. A cada um gostaria de dizer: tens um lugar na Igreja! Com as tuas perguntas, as tuas feridas e a tua história. Esta também é a tua casa. Para te aproximares, não tens de fingir que está tudo bem nem ficar à espera duma vida resolvida. E tu que pensas já ser tarde demais para recomeçar, gostaria de te dizer: *bem-vindo*! Independentemente de quem sejas ou do que tenhas feito, Jesus Cristo conhece-te, Jesus Cristo ama-te e quer-te perto d'Ele.

Como ouvimos, uma pergunta mudou a vida de Guadalupe: "Quem te disse que já é tarde?". Gostaria de a repetir esta noite àqueles que pensam que se afastaram demasiado e àqueles a quem alguma vez já fizeram sentir que não havia lugar para eles na Igreja. O Senhor também está à vossa procura! Lembrai-vos de Zaqueu. Subiu a uma árvore para ver Jesus e descobriu que também Ele o procurava. Chamou-o pelo nome e quis ficar

hospedado na sua casa! Aquele encontro levou-o a reparar as injustiças que tinha cometido (cf. *Lc* 19, 1-10). Ninguém caiu tão baixo que Cristo não o possa levantar. Que as nossas comunidades tenham sempre as portas abertas; que saibam acolher quem chega com perguntas, ajudar quem sofre e acompanhar com paciência quem procura Deus.

“Como ouvimos, uma pergunta mudou a vida de Guadalupe: “Quem te disse que já é tarde?”.

Agora voltemos à Babilónia. Os três jovens foram amarrados e lançados na fornalha. As chamas eram tão violentas que atingiram os que executavam a sentença. Porém, o rei viu algo incompreensível: tinha lançado três homens e agora via quatro, a caminhar livremente no meio das chamas. O Senhor enviara o seu anjo para os proteger. Tinha-os lançado amarrados e agora caminhavam livres! O rei tinha-os condenado ao fogo, mas Deus não os abandonou. Eis aqui o nosso segundo «todos»: *todos com Cristo*.

Conhecemos o pleno significado daquele gesto. A humanidade estava sujeita à morte por causa do pecado, mas Deus veio ao nosso encontro. O Filho de Deus fez-se homem, partilhou os nossos sofrimentos e tomou sobre si os nossos pecados. Por nosso amor, deu a sua vida na cruz e, ao terceiro dia, ressuscitou. Jesus Cristo está vivo! Jesus Cristo venceu a morte e libertou-nos do seu poder! Queridos jovens, Cristo ama-nos e quer fazer-nos participantes da sua própria vida. Ele prometeu permanecer junto dos seus discípulos até ao fim do mundo (cf. *Mt* 28, 20). Cristo oferece-vos uma vida que nem mesmo a morte poderá tirar!

Há um pormenor no relato que me comove. Azarias elevou uma oração a partir do interior da fornalha: «Que pela contrição de coração e humilhação de espírito, sejamos acolhidos» (*Dn* 3, 39). Aquele jovem tinha resistido ao rei e, no entanto, reconhecia perante Deus que precisava de misericórdia. Que

oração admirável! Também nós precisamos dela. Todos conhecemos a distância que, por vezes, existe entre o bem que desejamos e as nossas decisões. E todos precisamos de nos converter.

Cristo ama-nos tal como somos, mas o seu amor é demasiado grande para nos deixar prisioneiros do pecado, daquilo que nos destrói. O fogo que Ele veio trazer tem força para quebrar as nossas amarras e devolver-nos a liberdade de amar. Há feridas a curar, faltas a reconhecer e, quando possível, males a reparar. Deixai-vos transformar por Cristo! Não tenhais medo de vos aproximar do sacramento da Reconciliação. Que bem nos faz saber que os nossos pecados podem ser perdoados! Rezai, lede o Evangelho, aproximai-vos da Eucaristia. Ali nos espera Aquele que deu a sua vida por nós.

“Cristo ama-nos tal como somos, mas o seu amor é demasiado grande para nos deixar prisioneiros do pecado, daquilo que nos destrói.

No meio da fornalha, os três jovens começaram a cantar. Convidaram os céus e as estrelas, as montanhas, os rios e todos os seres vivos a bendizer o Senhor. Chegaram mesmo a dizer: «Fogo e chama, bendizei o Senhor» (3, 66). Convidavam o próprio fogo que os rodeava a juntar-se ao seu louvor! O seu cântico foi-se alargando até abarcar toda a criação. Gosto de pensar que aquele cântico continua e que cada geração pode acrescentar-lhe a sua voz. Como seria belo se tudo o que fazemos pudesse transformar-se num louvor! Talvez hoje pudéssemos cantar: *Arte e cultura, bendizei o Senhor. Jogos e desportos, bendizei o Senhor. Ciência e tecnologia, bendizei o Senhor. Redes e ecrãs, bendizei o Senhor. Música e futebol, bendizei o Senhor. Tudo o que existe, bendiga o Senhor! Louvai-O e exaltai-O para sempre!*

No início do relato, o rei tinha ordenado que *todos* adorassem a sua estátua. No final, aqueles jovens convidavam *todos* a bendizer o Senhor. O rei precisava de ameaçar para conseguir que se prostrassem; os jovens, que não tinham outro poder senão a sua fé, convidavam o universo inteiro a partilhar a sua alegria. E assim chegamos ao terceiro «todos»: *todos como Cristo*.

Queridos jovens, quem encontrou Cristo é chamado a viver como Ele (cf. *1 Jo* 2, 6). E a isso gostaria de vos convidar esta noite: a ser santos! Os santos também tiveram as suas fraquezas, mas foi a graça de Deus que transformou as suas vidas e lhes ensinou a amar. Jesus mostrou-nos o caminho: «Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (*Jo* 13, 34). Este «como» tem por trás uma imagem que nunca devemos esquecer: Jesus de joelhos diante dos seus discípulos para lhes lavar os pés. O Senhor de *todos* fez-se servo de *todos*!

Também vós podeis lavar os pés dos vossos irmãos. Partilhai o pão com quem tem fome, abri as vossas portas a quem não tem casa, visitai os doentes e aqueles que ninguém quer visitar. Há ainda sofrimentos que se não veem: uma pessoa que precisa de conselho ou correção, alguém que espera palavras de consolação, alguém que precisa de se sentir amado. Quantas oportunidades o Senhor nos oferece para sermos como Ele! Que as vossas vidas sejam como páginas do Evangelho, escritas com a tinta da misericórdia, para que quem vos encontrar possa reconhecer em vós um pouco do amor e da alegria de Jesus.

“Que as vossas vidas sejam como páginas do Evangelho, escritas com a tinta da misericórdia, para que quem vos encontrar possa reconhecer em vós um pouco do amor e da alegria de Jesus.

Essa alegria nasce da amizade com Ele e impele-nos a levá-la aos outros. Lembrai-vos dos discípulos de Emaús. No momento em que reconheceram o Ressuscitado ao partir o pão, disseram: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?» (*Lc* 24, 32). Naquela mesma noite regressaram a Jerusalém. Não podiam conter a alegria de saber que Cristo estava vivo! No início, disse-vos: «*Sede todos bem-vindos*!». Agora, como Sucessor de Pedro, confio-vos a segunda parte do nosso lema: «*Ide e anunciai*!». Ide às vossas cidades e aldeias, a cada recanto e periferia. Que, através de vós, quem se sente longe de Deus descubra que Cristo o procura.

Daqui a pouco abençoarei a cruz que percorrerá as vossas comunidades. Quando essa cruz passar de mão em mão, que o fogo do amor de Cristo passe também de coração em coração. Que Nossa Senhora de Luján vos acompanhe e vos guie sempre por este caminho: *todos para Cristo, todos com Cristo, todos como Cristo*! *Ide e anunciai*!

A CHAVE AGOSTINIANA

Nunca é tarde

> **Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!**
>
> Santo Agostinho, Confissões, X, 27, 38

«Quem te disse que já é tarde?» foi a pergunta que mudou a vida de Guadalupe, e o Papa repete-a esta noite aos jovens. Agostinho, que lamentou ter amado tarde, descobriu que Deus não se cansa de esperar: nunca é tarde para voltar a Cristo.

10

COMPLEXO PENITENCIÁRIO FEDERAL · BUENOS AIRES

DISCURSO

Uma nova vida é possível

Visita ao Complexo Penitenciário Federal de Buenos Aires

QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO

> **Pois, com a graça de Deus, é possível passar da escuridão total ao acendimento de pequenas luzes de esperança.**

Bom dia a todos!

Estou muito feliz por estar aqui convosco. Obrigado por me receberdes, dando-me a oportunidade de viver juntos este encontro. Agradeço ao senhor Arcebispo de Buenos Aires, Dom Jorge García Cuerva, à senhora Ministra da Segurança, ao senhor Ministro da Justiça e ao Chefe do Serviço Prisional. Também aos capelães, ao Capelão P. Matías e a todos vós, de forma especial àqueles que deram os seus testemunhos. Espero que todos, incluindo eu próprio, possamos guardar no nosso coração a mensagem de que uma nova vida é possível. É a esperança que precisamos. A minha profunda gratidão, pois, ao Cristian, ao Maximiliano e ao Reinaldo, que partilharam estes testemunhos. Obrigado!

Gostaria de partilhar convosco uma reflexão sobre um aspecto que todos temos em comum, simplesmente por sermos humanos: refiro-me à experiência dos limites. Muitas vezes, a sociedade apresenta tudo o que constitui uma limitação – a invalidez, a doença, a velhice e o sofrimento – como se fosse um defeito a corrigir, apresentando-nos um leque de possibilidades nas quais, de alguma forma, seríamos supostamente "imortais" (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 118). Podemos constatar isso, por exemplo, em algumas realidades negativas que não nos são estranhas, como na sensação de omnipotência que a droga provoca, no falso poder que advém do dinheiro fácil, na segurança covarde que confere o exercício da violência sobre os mais fracos, e na impunidade que é fruto da corrupção.

Muitas vezes, tomamos consciência dos limites através do pecado e das suas consequências, seja por termos cometido um erro, seja por termos sofrido devido a uma doença ou à morte de um ente querido. «Por isso, ao longo dos anos, guardamos dentro de nós ensinamentos que ficam gravados como cicatrizes, lembrança do caminho percorrido entre liberdades e quedas, sonhos e desilusões» (*ibid.*, 120).

Certamente, o mal que faz cerco ao coração humano destrói a sociedade e a vida de muitas pessoas, chegando mesmo a extremos de desumanidade. No entanto, «mesmo quando o ser humano se desumaniza e provoca

tragédias, uma pequena luz continua a brilhar e permanece capaz de, com a graça de Deus, se reacender em caminhos de conversão e reconciliação» (*ibid*., 121).

Queridos irmãos, isto significa que, mesmo em meio ao mal, à dor e ao fracasso mais profundos que possais ter vivido ou causado, esta situação atual pela qual estais a passar é também um momento especial para poderdes recomeçar as vossas vidas, tal como partilhastes conosco nos testemunhos. Certamente, o ser humano não floresce *apesar* dos limites, mas muitas vezes *através* dos limites (cf. *ibid*., 118). Precisamente nos momentos em que os limites se tornam tangíveis na nossa vida, podemos encontrar uma nova sabedoria, sentir o carinho das pessoas e experimentar a presença do Senhor (cf. *ibid*., 119).

> **Certamente, o ser humano não floresce apesar dos limites, mas muitas vezes através dos limites** (cf. ibid., 118).

A vossa passagem por esta instituição pode ser uma oportunidade para recomeçardes, fazendo as pazes com Deus e reintegrando-vos sem medo no seio das vossas famílias e da sociedade. Pois a experiência dos limites, «quando é acolhida na verdade, não empobrece o ser humano, mas abre-o ao reconhecimento do rosto de Deus e do outro» (*ibid*., 122).

> **A vossa passagem por esta instituição pode ser uma oportunidade para recomeçardes, fazendo as pazes com Deus e reintegrando-vos sem medo no seio das vossas famílias e da sociedade.**

Sei que este lugar, tanto na sua estrutura como na sua organização, revela a dureza dos limites: não podeis sair livremente, não podeis abraçar os vossos filhos todos os dias e até sofreis outro tipo de privações. Imagino as vossas noites sem dormir, com saudades dos vossos entes queridos ou a pensar naqueles a quem possais ter magoado. Sei das vossas desilusões por não terdes encontrado uma mão amiga que confiasse em vós, que vos tivesse ajudado a levantar-vos e a seguir em frente no momento oportuno. E parece que tudo isto é uma ferida aberta impossível de sarar.

Por isso, com ainda mais razão, gostaria de salientar que a prisão é também testemunha de profundas mudanças e conversões, de crescimento, de aprendizagens e da aquisição de novos ofícios e conhecimentos; é testemunha de pessoas que, tendo experimentado a fragilidade humana no seu aspecto mais doloroso, souberam transformar o deserto da própria existência num jardim fértil. Pois, com a graça de Deus, é possível passar da escuridão total ao acendimento de pequenas luzes de esperança. Esses lampejos irradiam também para o exterior: nas vossas famílias, nas pessoas que trabalham neste local e em toda a sociedade.

Penso, em primeiro lugar, nas vossas famílias. Também elas esperam e precisam desses lampejos que as ajudem a seguir em frente. A elas gostaria de dirigir algumas palavras. Queridos pais e mães, queridas esposas e filhos, queridas famílias dos reclusos: gostaria de vos recordar que Jesus Cristo, quando falou da importância fundamental da caridade, se identificou com um prisioneiro (cf. *Mt* 25, 36), e Ele próprio, antes de entregar a sua vida para nos salvar, foi privado da liberdade, mesmo sem ter cometido qualquer pecado (cf. *Jo* 18, 12). Por isso, é a Ele que devemos dirigir-nos para implorar pelos nossos entes queridos que se encontram na prisão. Peçamos a Jesus prisioneiro que lhes conceda a todos força e sabedoria, para que este tempo de solidão e isolamento não seja em vão, mas se transforme num tempo de graça e salvação (cf. *Tt* 2,11).

Ao pessoal do serviço prisional e a todos os profissionais e voluntários que desempenham o seu trabalho nas prisões deste país, bem como aos agentes pastorais que as visitam, gostaria de lhes recordar que este desafio é também uma oportunidade de crescimento e superação, mesmo que possa levá-los a pensar, por exemplo, que nada vai mudar para melhor, ou a sentir-se impotentes perante as «estruturas do pecado» (S. João Paulo II,

Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 36) e da morte, ou perante os enganos e a corrupção que não desaparecem, mas que se reforçam sob diferentes formas de agressividade. Queridos irmãos, lembremo-nos de que visitar os presos é uma obra de misericórdia à qual todos somos chamados. Encorajo-vos a fortalecer-vos na fé e a ancorar-vos na esperança cristã para que possais enfrentar os múltiplos desafios que se vos apresentam todos os dias e para que este ambiente possa ser mais humano, respeitoso e favoreça verdadeiramente a recuperação e a reinserção das pessoas na comunidade.

“Queridos irmãos, lembremo-nos de que visitar os presos é uma obra de misericórdia à qual todos somos chamados.

Por último, às autoridades e a toda a sociedade argentina, gostaria de dizer que «é precisamente na nossa limitação que encontram espaço a compaixão, a sincera preocupação perante as necessidades dos outros, a generosidade» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 119). Fazemos parte da mesma família humana; promovamos o que contribui para o bem de todos, acompanhemos especialmente as nossas crianças e jovens, eduquemo-los nos valores autênticos, cuidemos deles, protejamo-los para que não caiam nas redes nefastas da criminalidade. O Senhor pedir-nos-á contas do que tivermos feito a cada um dos nossos irmãos.

“O Senhor pedir-nos-á contas do que tivermos feito a cada um dos nossos irmãos.

Que Nossa Senhora das Mercês vos ampare a todos com o seu manto celestial. E que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre. Ámen

11

BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE LUJÁN · LUJÁN

HOMILIA

Argentina, levanta-te e caminha

Santa Missa diante da Basílica de Nossa Senhora de Luján

QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO

Argentina, levanta-te e caminha.

Queridos irmãos e irmãs,

A leitura do profeta Isaías que acabámos de ouvir convida-nos a imaginar diferentes tipos de terreno: o deserto, a estepe e a montanha, todos chamados a florescer e a cantar de alegria ao contemplar a glória de Deus. Pensemos também hoje neste lindo país, na geografia variada com que o Criador do universo embelezou a terra argentina: extensas pampas e rios caudalosos, numerosas serras e cadeias montanhosas, planaltos verdejantes e amplas planícies, mares profundos, glaciares majestosos e vastos desertos. Toda a terra do "fim do mundo", no seu esplendor e beleza, canta a glória do Senhor.

Isaías continua dizendo que assim como Deus faz brotar água da terra árida, tornando-a mais fértil, também sacia a sede profunda dos homens e os cura das doenças, abrindo os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos. Queridos irmãos e irmãs, estas imagens falam-nos de um tempo novo, de uma promessa de libertação: não tenhais medo, Deus está conosco. Alegrai-vos e sede fortes, com a força que vem do Senhor.

Durante estes dias, pude ver a riqueza da Argentina, não só na sua geografia, mas também no seu povo, em cada encontro, nas praças e nas ruas, na criatividade, na espontaneidade e na vida que transborda a cada passo. No *Magnificat*, que proclamámos como salmo responsorial, também a Virgem Maria transborda de alegria com o Senhor e o louva pelas maravilhas que Ele realiza nela. Agradeço a Deus pela oportunidade de me encontrar com este querido povo, que abre as suas portas a todos, que partilha o seu pão e a sua música, onde há sempre um lugar à mesa para quem chega, tempo livre para conversar entre um e outro mate, e uma mão estendida para quem precisa.

Hoje, na Casa da nossa Mãe de Luján, a minha lembrança dirige-se de forma especial ao nosso querido Papa Francisco, que trazia sempre no coração a "*Patroncita morena*". Ele ensinou-nos com a sua vida e continua, a partir do lugar que escolheu para ser sepultado, tão perto de Santa Maria,

a indicar-nos como devemos amá-la e venerá-la em todas as ocasiões. Com efeito, muitas vezes as suas palavras de despedida eram: “Que Jesus te abençoe e que a Santíssima Virgem te proteja”.

Com o coração cheio de gratidão pelas tantas dádivas que Deus derramou sobre este país, gostaria agora de vos propor um itinerário, que é o mesmo que vivemos na celebração de cada Eucaristia. Consiste em quatro passos: a *reconciliação*, a *iluminação* através da Palavra de Deus, a *comunhão* e o envio em *missão*. Aos pés da cruz, Maria une-se ao Sacrifício eucarístico e acompanha-nos neste caminho (cf. São João Paulo II, Carta enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 56-58).

Muitos dos nossos irmãos – inclusive nós próprios e as nossas famílias – podem estar a passar por momentos de Calvário, a sofrer, entre outros problemas, por causa de doenças, pobreza, desemprego, discriminação ou rupturas familiares. Nesses momentos sombrios, compreendemos os sentimentos de Maria aos pés da cruz, com o seu coração de mãe dilacerado pela dor. Ao mesmo tempo, tal como Maria recebeu do seu Filho uma nova missão naquele terrível momento da sua vida, acolhendo toda a humanidade no coração de mãe, também nós somos chamados a receber a graça de Deus e a viver processos de perdão e reconciliação, que renovem em nós a paz, a esperança e a caridade. Sejamos sinceros, reconheçamos as nossas faltas e peçamos perdão ao Senhor: «perdão por aquele mendigo, por aquela lágrima que fiz brilhar; perdão por aqueles olhos que, ao olharem para os meus, eu não quis olhar» (*Zamba del perdón*). Precisamos de *nos reconciliar* também com a nossa história e com o nosso presente, para construir um futuro novo, onde seja o amor a ter a última palavra.



Precisamos de nos reconciliar também com a nossa história e com o nosso presente, para construir um futuro novo, onde seja o amor a ter a última palavra.

Recordemos igualmente a experiência dos discípulos de Emaús: eles caminhavam tristes, desanimados, abatidos pela dura realidade. Nesse momento, apareceu-lhes Jesus ressuscitado e explicou-lhes as Escrituras. Em seguida, partilharam a refeição e reconheceram a sua presença, que lhes tinha feito arder o coração (cf. *Lc* 24, 13-35). Queridos irmãos e irmãs, muitas vezes esta é também a nossa experiência. Sentimo-nos cansados, desapontados, desorientados. Necessitamos de uma bússola, de orientação: encontramo-la na Sagrada Escritura! Deixemo-nos iluminar por ela, pois a *Palavra de Deus* é lâmpada para os nossos passos e luz para o nosso caminho (cf. *Sl* 119, 105).

Após a reconciliação e a iluminação por meio da Palavra, como terceiro passo somos chamados à comunhão. O próprio Cristo convida-nos para o seu banquete, no qual somos *todos bem-vindos* (cf. *Mt* 22, 9-10). Há lugar para todos, especialmente para os mais necessitados com os quais o Senhor se identifica: os pobres e os famintos, os migrantes, os doentes e os encarcerados (cf. *Mt* 25, 35-40). Precisamente, «a Eucaristia, sacramento da unidade, alimenta a nossa pertença ao corpo de Cristo e educa-nos para a partilha. As diversas sensibilidades presentes na Igreja, as convicções fortes que animam cada um, são uma riqueza se permanecerem ancoradas na certeza da unidade, enquanto dom recebido e tarefa a assumir» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 88). A comunhão com Cristo não nos encerra nos nossos assuntos pessoais, não nos leva a tirar proveito das carências alheias, não nos faz fugir das nossas responsabilidades. A comunhão com Cristo impele-nos a fazer parte ativa de uma comunidade, a partilhar gratuitamente os dons recebidos, a oferecer o pouco que tenhamos para o bem de muitos.

“Há lugar para todos, especialmente para os mais necessitados com os quais o Senhor se identifica: os pobres e os famintos, os migrantes, os doentes e os encarcerados (cf. Mt 25, 35-40)**.**

Somos convidados a viver a caridade ao estilo de Cristo, e esse estilo é-nos também ensinado por Maria aos pés da cruz, pois ali, no Calvário, tanto Ela quanto seu Filho amaram «até ao extremo» (cf. *Jo* 13, 1). Não se trata de fazer grandes coisas, mas de manter-se fiéis ao lado do Senhor, tal como a sua Mãe permaneceu, tanto nos momentos de cruz como nos momentos de alegria, de glória e de luz. Trata-se de olhar para a vida com *olhos do céu* e de pintar com a *cor da esperança* cada um dos nossos dias. Sabemos que há muitas dificuldades, mas o Senhor também inspira no nosso Povo fiel gestos heroicos de caridade, como o do pai que todos os dias se levanta de madrugada para levar o pão para casa, como a mãe que acompanha o seu filho doente durante longas noites no hospital, como o bom amigo que partilha o seu tempo com quem precisa.

“

Trata-se de olhar para a vida com olhos do céu e de pintar com a cor da esperança cada um dos nossos dias.

Queridos irmãos e irmãs, o último passo é o envio, tal como o recebemos no final da Santa Missa: envio em missão. *Ide e anunciai!* (cf. *Mc* 16, 15), porque «não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (*Act* 4, 20). Ide e evangelizai, anunciai a alegria do Evangelho com palavras e com boas obras. Argentina, levanta-te e caminha. Como nos disse Santo Agostinho: «Ama e faz o que quiseres: se calares, cala por amor; se gritares, grita por amor; se corrigires, corrige por amor; se perdoares, perdoa por amor. Que exista dentro de ti a raiz da caridade; dessa raiz só pode brotar o bem» (S. Agostinho, *Homilia sobre a Primeira Carta de São João aos Partos*, 7, 8).

> **Como nos disse Santo Agostinho: «Ama e faz o que quiseres: se calares, cala por amor; se gritares, grita por amor; se corrigires, corrige por amor; se perdoares, perdoa por amor. Que exista dentro de ti a raiz da caridade; dessa raiz só pode brotar o bem»** (S. Agostinho, Homilia sobre a Primeira Carta de São João aos Partos, 7, 8).

Mãe de Luján, o meu pontificado teve início a 8 de maio, dia da vossa festa. Tal como milhões de argentinos que vêm à vossa casa implorar o vosso amparo maternal, também eu desejo refugiar-me sob o vosso manto. Guiai-me, Mãe, na missão apostólica que o Senhor me confiou. Guiai e acompanhai o povo argentino na sua peregrinação. Ajudai-o a construir pontes de caridade e redes de solidariedade; suscitai nele o ímpeto para que continue a percorrer caminhos de reconciliação, comunhão e missão, iluminado pela Palavra do vosso Filho Jesus Cristo e firmemente alicerçado n'Ele, a «pedra angular» (*Act* 4, 11). Assim seja.

AGRADECIMENTO NO FINAL DA SANTA MISSA

Queridos irmãos e irmãs: dou graças a Deus pelo que vivi na minha visita a este país, berço do nosso querido Papa Francisco. Agradeço a todos aqueles que trabalharam para que fosse possível: às autoridades civis e religiosas, aos organizadores, colaboradores e voluntários, bem como às inúmeras pessoas, famílias e comunidades que participaram em cada um dos encontros ou que os acompanharam através dos meios de comunicação. Obrigado, Argentina, por esta recepção de braços abertos!

A imagem da Virgem de Luján que hoje nos acompanha chegou a estas terras numa carroça e não quis continuar o seu caminho, ficando para sempre convosco. O Sucessor de Pedro deve hoje prosseguir a sua missão noutros lugares, ali onde o Senhor o envia, mas quer dizer-vos que vos leva a todos no seu coração.

Que Deus abençoe esta terra de Maria Imaculada, cujo manto celeste e branco está presente nas cores da sua bandeira. Que os povos do Norte, com as suas colinas e vales; do Sul, com os seus imponentes glaciares; do Leste, com os seus rios e selvas; e do Oeste, com as suas majestosas cordilheiras, deem glória ao Senhor por tantos dons recebidos. Em seu nome, *ide e anunciai* o Evangelho com alegria e gratidão.

Obrigado por me terdes recebido com tanto carinho; senti-me em casa. Continuemos unidos em Cristo, rezando uns pelos outros e colocando-nos sob a proteção maternal de Nossa Senhora de Luján. *Hasta siempre mi querida Argentina!*

> **Obrigado por me terdes recebido com tanto carinho; senti-me em casa.**

PALAVRAS IMPROVISADAS DE SAUDAÇÃO AOS VOLUNTÁRIOS

> *Tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com, a partir do original espanhol: a versão portuguesa oficial não estava disponível em vatican.va.*

Muito obrigado! Bom dia!

Bom dia, Argentina. Bom dia, Luján.

Bem, chegou o momento. O fim de uns dias tão belos, tão lindos, nos quais celebrámos a vida, celebrámos a fé, reconhecemos o grande valor da vida humana, assim como o grande dom que o Senhor nos concedeu, a fé. Na presença de Cristo Jesus, que deu a sua vida por nós, e de sua Mãe Maria, Nossa Senhora de Luján, celebrámos a Eucaristia.

Pois bem, não há melhor palavra a dizer: Obrigado! A Eucaristia, que é ação de graças, é reconhecer que tudo é dom.

Como Jesus, que veio para dar a sua vida, também vós, como voluntários, destes as vossas vidas para ajudar todo o povo da Argentina durante estes dias, e para ajudar também este servidor. Muito obrigado, que o Senhor vos abençoe sempre.

O Senhor esteja convosco...
Bendito seja o nome do Senhor...
O nosso auxílio está no nome do Senhor...
E a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós. Amém.
Viva Cristo! Viva a Virgem Maria!
Muito obrigado!

A CHAVE AGOSTINIANA

Mais feliz por crer

> **Mais feliz foi Maria acolhendo a fé em Cristo do que concebendo a carne de Cristo.**
>
> Santo Agostinho, A santa virgindade, 3, 3

Ao pé da cruz, a Maria da homilia de Luján permanece fiel junto do seu Filho. Agostinho viu nessa fé, mais do que na maternidade segundo a carne, a verdadeira felicidade de Maria.



Um livro para ler no telemóvel, a qualquer hora.

VISITE O NOSSO SITE

agustinosconelpapa.com/pt

Copyright © Dicastério para a Comunicação